RECORDE ROGÉRIO CENI ENTRA MAIS UMA VEZ PARA A HISTÓRIA

são paulo

a revista oficial do

www.saopaulofc.net

NANDO REIS
Futebol filosófico

Por Onde Anda
O eterno ídolo Pedro Rocha

Conheça a trajetória de Aloísio

MARKETING
Conheça as ações que, em alguns anos, vão levar o **TRICOLOR** a ter a maior torcida do Brasil

BATE-BOLA COM EDCARLOS

Nº 133 - R$5,90
9 771413 691000 00133

BLACK LABEL SERIES

O DESIGN QUE VOCÊ SEMPRE QUIS,
COM A SENSIBILIDADE AO TOQUE
QUE VOCÊ NUNCA IMAGINOU.

chocolate

Black Safira

Compacto e Ultra Slim
Supersensível ao Toque

Design Slide Sofisticado
Supersensível ao Toque

LG

www.lge.com.br

Fotos ilustrativas. SAC 4004 5400 (capitais e regiões metropolitanas) e 0800 707 5454 (demais localidades).
Consulte a disponibilidade do produto com sua operadora.

forbex®
GRAMA SINTÉTICA

APROVADA Pelé

Única Fábrica da América Latina com aprovação dos laboratórios credenciados pela FIFA;

Desenvolvimento da grama a partir das reais necessidades envolvidas;

Mais de 4.000 campos instalados;

Presente em todos os continentes.

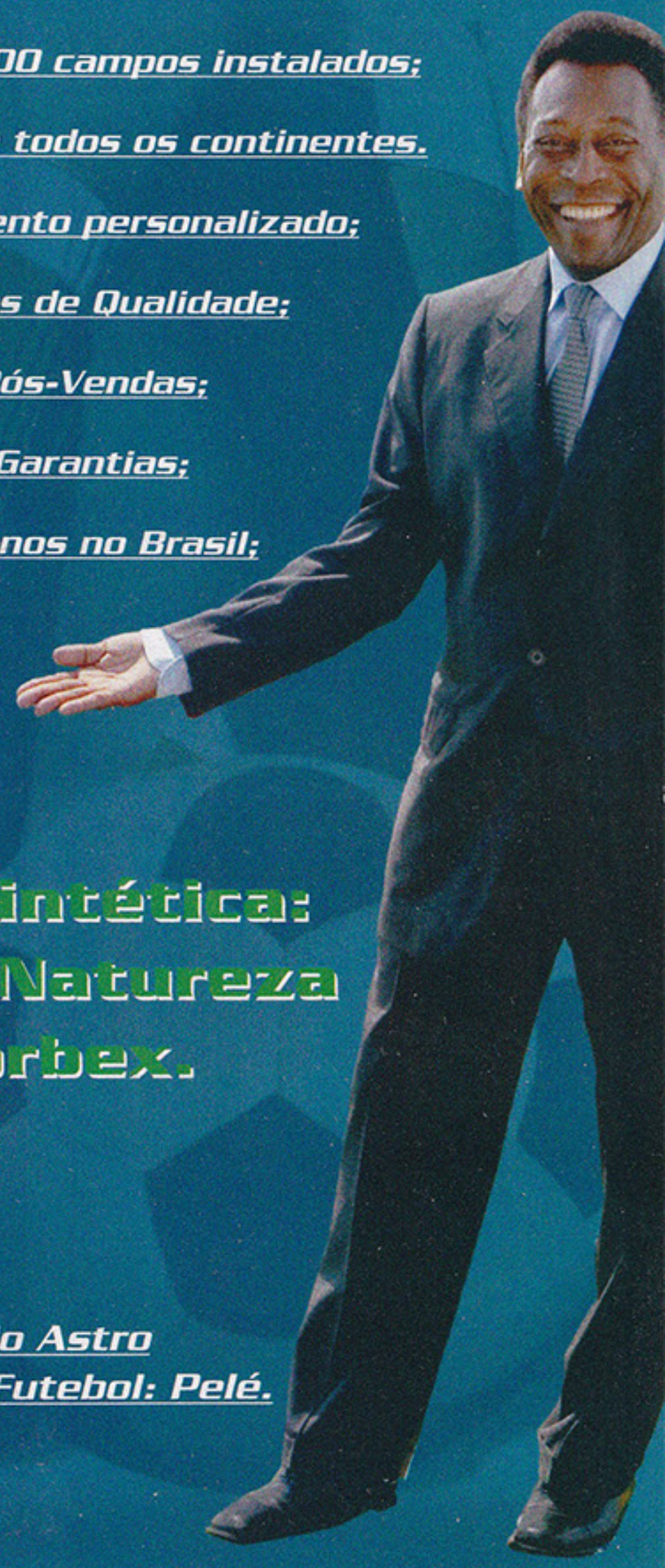
Atendimento personalizado;

Testes de Qualidade;

Pós-Vendas;

Garantias;

10 anos no Brasil;



Grama Sintética: Essa é a Natureza de Forbex.

✓ *Aprovada pelo Astro Supremo do Futebol: Pelé.*

Futebol Profissional Futebol Society

Tênis Hóquei Golf

Residencial Escolar

Rua Bartolomeu Paes 508
Vila Anastácio CEP 05092-000
São Paulo - SP - Brasil
** Tel/Fax: (011) 3835-9555
www.forbex.com.br

REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente da Diretoria Executiva
Juvenal Juvêncio

Presidente do Conselho Deliberativo
Ademar de Barros

Presidente do Conselho Consultivo
José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal
Edison Richelmo Zago

EXPEDIENTE

Revista Oficial do São Paulo
Diretoria de Comunicações

Vice-presidente de Comunicações e Marketing
Eduardo Alfano Vieira

Diretor Responsável
Jorge dos Santos Afonso

Jornalista Responsável
Cinthia S. Gagliardi Tedesco Mtb 29875

Editor
Carlos Mesquita

Reportagem
André Toso, Fernando Savaglia e Filipe Sansone

Colunistas
Ademar de Barros, Affonso Renato Meira, Agnelo Di Lorenzo, Guaracy Souza Sampaio e Paulo Planet Buarque

Colaboração
Ana Paula Andrade, Denis Moreira, Felipe Espíndola, Juca Pacheco, Rafael Furugen e Raul Snell Jr.

Fotógrafos
Carlos Cecconello e Rubens Chiri/Perspectiva

Imagem de capa
Rubens Chiri

Arte
André Cavallini, Celso Andrade, Daniela Salvador, Diego Marcato, Rogério C. Macadura e Tânia Martins

Ouvidor
José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube
Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 – 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

Edição
HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 2141-2770

Impresso pelo processo direct-to-plate por Gráfica e Editora Parma

Índice

06 Imagens
Rogério Ceni entrando para a história do futebol mundial

08 Entrevista
O são-paulino Nando Reis filosofa sobre futebol

12 Telão
Os comentários sobre a façanha do goleiro-artilheiro

16 Por Onde Anda
Pedro Rocha, um dos maiores armadores do clube

20 Dia de Jogo
A Barraca do Bigode e os sanduíches de pernil

22 Bate-bola
Edcarlos em momento iluminado

24 Capa
Saiba quais são as ações de marketing de seu time

32 Terceiro Setor
Instituições de atletas e ex-atletas que dão suporte a crianças e jovens

36 Perfil
Conheça a trajetória do centroavante Aloísio

40 Infra-estrutura
O que mudou no Estádio do Morumbi depois da reforma

42 Jogos
Tabelas da Libertadores e do Brasileiro

45 Notícias
V Copa São Paulo Futebol Center, reforços, despedidas, visitas...

Crônicas
Affonso Renato Meira (45), Paulo Planet Buarque (45), Agnelo Di Lorenzo (48), Ademar de Barros (49) e Guaracy Sampaio (50)

Editorial

Valentia Futebol Clube

Desde meu último editorial muita coisa aconteceu. De uma Copa do Mundo com pouco brilho para todos e, em especial para o Brasil, até mais uma final de Libertadores para nossa história.

Infelizmente para aqueles que não torcem para nós, o vice-campeonato não abalou a confiança em nossa equipe. Pelo contrário, se não reforçou nosso perfil vitorioso acentuou ainda mais uma de nossas maiores virtudes: a valentia. Talvez esteja nessa palavra a principal diferença entre nossa seleção e nosso São Paulo.

E falando em valentia, e essa sim uma perda, não posso deixar de falar de Lugano. Raça, empenho, coragem e virilidade eram suas principais definições. Se hoje já não contamos com ele dentro de campo, contamos com seu exemplo para os mais jovens, seus companheiros e sua torcida lá na Turquia. Boa sorte, Diego.

Ricardo Oliveira também honrou nossas cores. Valente, tentou até o fim defender o São Paulo em um momento decisivo.

E nosso valente goleiro e capitão, Rogério Ceni. Corajoso ao deixar sua meta em busca de um gol que muitas vezes é fundamental, ao declarar seu amor pelo clube e afirmar que não defenderia outras cores, ao superar um revés e brilhar horas depois entrando para a história mundial do futebol como recordista de gols marcados por um goleiro.

Valentia muito bem escrita por Nizan Guanaes, um dos maiores profissionais de propaganda e marketing do País, que ministrou uma palestra motivacional para nossos atletas cujo conteúdo fiz questão de incluir na íntegra nesta edição. Não deixe de ler.

Valentia que se fez necessária também fora de campo. Na dura vida real. Como para superar o acidente que envolveu nosso goleiro Bruno e levou nossa jovem promessa Weverson. A mais dura das derrotas.

Valentia que nos exige tomadas de decisão firmes e rápidas mesmo que não sejam entendidas ou aceitas por todos imediatamente, como o recente reajuste nas mensalidades de nosso clube. Nosso déficit alcançava patamares inaceitáveis que caíram pela metade após o reajuste. Mesmo assim, ainda há muito a ser feito até chegarmos ao nosso objetivo final: o zero, déficit zero. O único zero no placar que nós queremos. E que vamos buscar com trabalho em equipe, planejamento, raça e valentia. Tal qual nosso time quando entra em campo. Valente e conquistador.

Juvenal Juvêncio

Juvenal Juvêncio
Presidente do São Paulo Futebol Clube

SPFC: o mais querido, diferente e original

Diferente. Em todos os sentidos. Tricampeão brasileiro, das Américas e do Mundial Interclubes, o São Paulo possui uma infra-estrutura que o põe entre os maiores do planeta. Além de toda essa excelência no terreno do futebol, há muito tempo tem mostrado que também bate um bolão em outro campo: no marketing. A ***Revista Oficial*** mostra alguns dos segredos da agremiação do Morumbi para ter, em poucos anos, a maior torcida do Brasil. Um deles é o Batismo Tricolor.

O São Paulo de fato é um clube único e, a cada jogo, comprova isso na prática. Recentemente, seu camisa um manteve a equipe nessa direção. Em 20 de agosto, Rogério Ceni conseguiu incrível façanha na partida contra o Cruzeiro, pelo Brasileiro. O goleiro-artilheiro defendeu pênalti e marcou dois tentos que o deixaram na condição de arqueiro que mais vezes balançou as redes na história. Como homenagem, publicamos sua genial cobrança de falta no embate diante da Raposa e algumas frases que muito dizem sobre o caráter profissional do melhor goleiro do Brasil. Confira!

Das tantas coisas que aconteceram no ambiente são-paulino, captamos um pouco de cada uma delas em nossas páginas. Além de informações quentes, como a chegada de reforços e a saída de Lugano e Ricardo Oliveira, há assuntos para todos os gostos. Tem matéria a respeito de instituições de atletas e ex-atletas que ajudam crianças e jovens humildes, perfil do centroavante Aloísio e entrevistas com Nando Reis e Edcarlos. Tudo imperdível!

Quanto à Libertadores, o São Paulo, como gostam de dizer locutores e comentaristas, caiu de pé e com dignidade. Apesar de não ter conquistado o troféu, jogou bravamente. Assim, encheu a torcida de orgulho e perspectivas, todas agora voltadas ao Campeonato Brasileiro, no qual o time, até o fechamento desta edição, vinha muito bem. Divirta-se, caríssimo leitor!

Imagens

MUITO MAIS QUE UM GOLEIRO!

Em 20 de agosto, no jogo contra o Cruzeiro, no Mineirão, pelo Campeonato Brasileiro, o time perdia por 2 a 0 quando Rogério Ceni começou a mostrar por que é o jogador brasileiro mais especial dos últimos tempos. Ele mudou o rumo da partida e entrou definitivamente para a história do futebol mundial. Pouco depois de pegar um pênalti, subiu ao ataque a fim de bater falta. Da entrada da área, cobrou com perfeição. Aquele foi seu gol de número 63. Havia, porém, mais emoções guardadas. Aos 15 minutos da etapa final, converteu uma penalidade. De acordo com estatísticas da Fifa, Rogério deixou para trás o paraguaio Chivalert, até então arqueiro com o maior número de gols marcados. Parabéns, capitão!

DANIEL DE CEROUEIRA/O TEMPO

CARÁTER ARTICULADO
Análises inteligentes e passionais: tudo ao mesmo tempo agora

FOTOS RUBENS CHIRI

Alegorias do futebol

Em conversa descontraída, o são-paulino NANDO REIS, músico, compositor e cantor, compara os anseios que temos na vida com os objetivos do esporte mais popular do Brasil

Por Carlos Mesquita
Colaborou André Toso

Estimulado pela avó, que o presenteou com um violão Giannini quando tinha 7 anos, Nando Reis não teve dificuldade para começar a tocar. Em casa, quase todo mundo tinha ligação com a música. A matriarca era professora de violão e, de acordo com ele, cantava muito bem. Mas foi Quilha, a irmã mais velha, quem o ensinou os primeiros acordes. Com Carlito, um dos irmãos, aprendeu a curtir rock and roll. Ele, aliás, apresentou-lhe *Between The Buttons*, disco dos Rolling Stones. O curioso é que, até empunhar o contrabaixo, tentou a guitarra e arriscou-se na bateria.

Antes de explodir com os Titãs, uma das bandas mais prolíficas e emblemáticas do rock nacional dos anos 80, fez exibições com o grupo Os Camarões. No Festival da Feira da Vila Madalena, conheceu Paulo Miklos e Arnaldo Antunes, que seriam seus futuros parceiros no octeto que conquistou enorme sucesso elaborando obras clássicas, como *Cabeça Dinossauro* (1986), *Go Back* (1988) e *Õ Blesq Blom* (1989). Acumulando as funções de compositor, baixista e vocalista, papel que dividia com Miklos, Antunes, Sérgio Britto e Branco Mello, Nando cunhou interpretações de canções como "Marvin", "Igreja" e "Família" que foram eternizadas.

No princípio da década de 1990, começou a participar de projetos de outros artistas. Ao lado do baterista Charles Gavin, colega de conjunto, produziu um trabalho da cantora Vange Leonel. Também iniciou a parceria com Marisa Monte. Aos poucos, foi se afastando do som da banda. Nesses tempos, a canção "Onde

Você Mora", que fez com Marisa, estourou com o Cidade Negra. Em 1995, veio o primeiro CD-solo, *12 de Janeiro*. Depois, *Para Quando o Arco-Íris Encontrar o Pote de Ouro*, em 2000, e *Infernal*, em 2001. Enquanto isso, os Titãs seguiam parados. E ele se transformava num dos compositores mais bem-sucedidos de sua geração. Em versões de Cássia Eller e Skank, suas músicas tocavam à exaustão em rádios do Brasil inteiro. Até que, em 2002, decidiu dedicar-se integralmente à sua carreira. De lá até aqui, concebeu *A Letra A* (2003), *MTV Ao Vivo - Nando Reis e Os Infernais* (2005) e *Sim e Não* (2006).

Mesmo em meio à agitação profissional, Nando nunca deixou de curtir futebol, sobretudo as cores do São Paulo, time com o qual, por influência do pai, identificou-se ainda pequeno. Com Marcelo Fromer, guitarrista que em 2001 morreu atropelado enquanto corria, pensou em fazer algum trabalho na imprensa esportiva. Juntos, então, elaboraram um projeto gráfico para o *Jornal da Tarde*. Foi na *Folha de S. Paulo*, entretanto, que conseguiram espaço. A partir dali, ele nunca mais pararia de se envolver com o tema.

Na condição de articulista da coluna Boleiros, escrita por personalidades e publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* todos os dias, Nando, às quintas, deixa aflorar suas idéias. De maneira filosófica e ao mesmo tempo poética, exatamente como fez nesta entrevista, discorre a respeito de futebol com categoria. Na seqüência, confira os melhores trechos de um bate-papo realizado em meio a uma brecha na agenda repleta de shows do cantor. A conversa foi realizada antes de Rogério Ceni tornar-se o goleiro com maior número de gols da história e de a Libertadores conhecer seu campeão.

Você é torcedor fanático e costuma freqüentar o Estádio do Morumbi para ver jogos do São Paulo. É do tipo que sofre ou é mais centrado, daquele estilo que não fala palavrão?

Estou bem calejado. Não que não sofra e me mantenha impassível. Mas aprendi a não comprometer meu humor. Acho que grande parte do que alimenta o interesse pelo futebol tem relação com as circunstâncias, as projeções e as hipóteses que antecedem o jogo e com o momento posterior, que é o resultado objetivo, seja ele pró ou contra, e que vai determinar dois tipos de sentimentos: felicidade ou decepção. A graça do futebol é ser uma metáfora, uma grande alegoria para aquilo que busco e entendo da vida. É claro que quero vencer, ter sucesso, que meus projetos dêem certo, que meu emprego seja bem remunerado. E obviamente desejo que o São Paulo vença sempre.

E qual é a emoção de acompanhar vitórias no estádio, pertinho do time?

Assistir aos jogos no Morumbi é uma loucura. Adoro. Mas, quase sempre, fico num ângulo ruim, de onde é difícil enxergar. Além do mais, está sempre muito lotado. Não é uma condição boa de ver a partida do ponto de vista da análise. No entanto, é a maneira como gosto de acompanhar o jogo. Curto arquibancada. No máximo, cativa. Tenho diversos rituais que procuro cumprir todas as vezes em que vou a estádios. Saio de casa, visto a camisa tricolor, sigo para o campo, acendo meu cigarro e assisto ao embate. É sempre uma grande emoção. O futebol tem um poder extremamente forte e provoca em mim os mais variados tipos de sentimento.

Sua ligação com o futebol parece muito forte, assim como é para boa parte dos brasileiros. Qual é a real importância desse esporte e da figura do jogador para um país como o nosso?

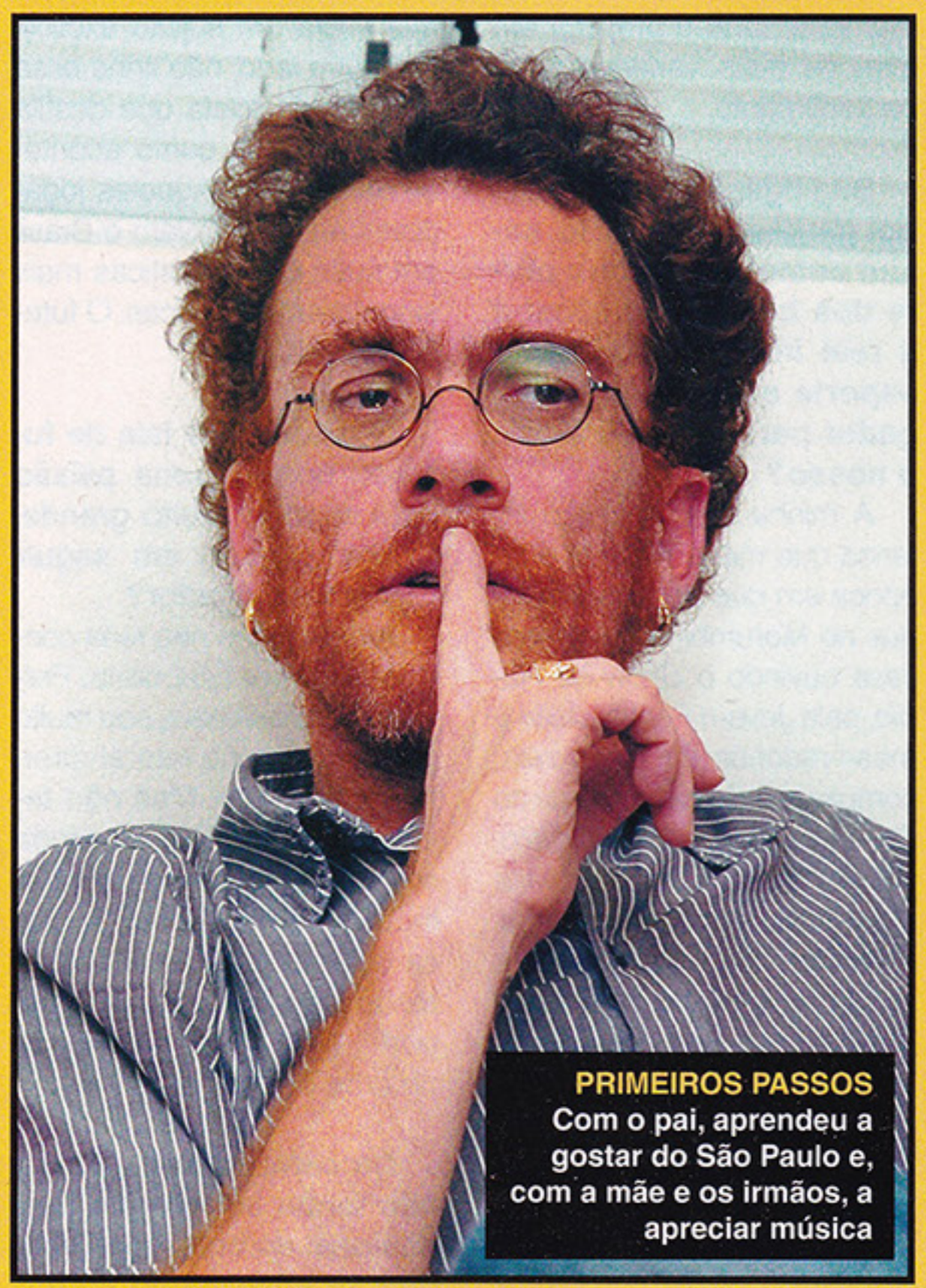
A minha ligação é tão intensa que me lembro de uma época em que assistia aos jogos no Morumbi, voltava para casa ouvindo o *Show de Rádio*, pela Jovem Pan; assistia à mesa-redonda da TV Gazeta, comprava o *Jornal da Tarde* no dia seguinte e, não satisfeito, via o *Jornal de Esportes*. Mas ainda hoje tenho muito disso. Respondendo diretamente à pergunta, o futebol está associado com o que é saudável. Também é uma representação da luta diária da vida. Então o considero encantador, já que nos identificamos, projetamos diversos sonhos e visualizamos heróis, que são os atletas, indivíduos apurados que estão atuando por talento e dedicação. Antigamente, ser jogador diferia da atividade comum. Era um sujeito exótico. Por outro lado, não tinha essa besteira de atleta que desfila em passarela, como acontece atualmente. Aqueles jogadores representavam o Brasil em suas características mais singulares e artísticas. O futebol era mágico.

Quando você fala de futebol, nota-se uma paixão pelo esporte muito grande. Nunca pensou em seguir carreira de jogador?

Acredito que não teria condições de ser futebolista. Perto dos profissionais, sou muito grosso. Jogo na lateral-direita e me divirto. Mas não tenho técnica suficiente. Ainda sou míope, o que me atrapalhou bastante *(risos)*. A única coisa a meu favor é meu tesão pelo futebol. Mas o esporte, para mim, não passa de uma brincadeira.

De certa forma, embora não tenha se tornado profissional da bola, você acabou se envolvendo com o assunto de maneira quase tão direta quanto um jogador. Porque, ao escrever colunas para *O Estado de*

"O futebol está associado com o que é saudável. Também é uma representação da luta diária da vida. Então o considero encantador, já que nos identificamos, projetamos diversos sonhos e visualizamos heróis, que são os atletas"



PRIMEIROS PASSOS
Com o pai, aprendeu a gostar do São Paulo e, com a mãe e os irmãos, a apreciar música

***S. Paulo*, fica muito próximo do esporte. O que o levou a essa atividade?**

O Marcelo Fromer e eu sempre tivemos vontade de escrever sobre futebol. Tínhamos um projeto de diagramação ambicioso que apresentamos para o *Jornal da Tarde*. Fizemos até reuniões a fim de tratar do formato. Depois, enviamos alguns artigos para a *Folha de S. Paulo*. Acabamos ganhando um espaço incrível às segundas-feiras chamado Minuto de Silêncio. Escrevi também para o *Diário do Grande ABC* e o *Shopping News*. Hoje, tenho uma coluna fixa no *O Estado de S. Paulo* e participo, eventualmente, de programas esportivos de televisão.

Todos sabem de sua relação de amor com o Tricolor. Você, além de ser um artista completo, é um articulista de futebol que deixa claro qual é seu time do coração, chegando a demonstrar orgulho. De que forma surgiu essa grande identificação com o São Paulo e admiração pelo clube e como você começou a freqüentar os campos de futebol?

Quando eu era pequeno, meu pai morava próximo do Estádio do Pacaembu. Ele e meu avô tinham o hábito de freqüentá-lo para assistir aos jogos do São Paulo. Depois, quando meu pai se casou, foi para o Jardim Paulistano. Isso aconteceu na época da construção do Morumbi. Ele me levava direto e comecei a ver as partidas e, sobretudo, a admirar o Pablo Forlan, lateral-direito uruguaio. A escolha do clube veio por esse contato com o campo e pela identificação com meu pai, por admiração e por vontade de ser da mesma "tribo" que ele.

Quais são as lembranças mais vivas que guarda da influência do São Paulo e do futebol na sua infância?

Lembro-me muito bem de meu pai e eu ouvindo os jogos da Copa Libertadores de 1974 e do Zé Carlos perdendo aquele pênalti que impossibilitou que o São Paulo se tornasse campeão. Recordo-me também de escutarmos uma partida do Tricolor contra o Guarani pelo rádio da sala enquanto minha mãe, sentada no sofá, fazia tricô. Aquilo era um ponto de encontro. Um símbolo familiar. Outra cena, uma das mais remotas, é a de estar assistindo à Copa de 1970 e, quando o Brasil ganhou da Inglaterra, meu pai me levou à rua Augusta, me colocou de cavalinho e ficamos vendo o carnaval da vitória. Depois, quando o Brasil foi tricampeão, me lembro de uma chopada na casa de um tio. Essas cenas me marcaram muito.

Tendo acompanhado jogos desde pequeno, você deve ter assistido a partidas inesquecíveis. Qual delas, ou mesmo um grande lance ou acontecimento, mais o marcou?

Tenho na memória o dia da estréia do meu primeiro grande ídolo, o Serginho Chulapa. Ele entrou no segundo tempo e marcou dois gols. Sempre achei engraçado aquele negro, magro, canhoto e altão correndo pelo campo. Tanto que tinha um pôster dele com a camisa do São Paulo no meu quarto. Recordo-me muito bem também de uma partida do Tricolor contra o Botafogo de Ribeirão Preto na qual ele chutou a canela do bandeirinha e, por isso, não foi convocado para a Copa de 1978. Foi uma grande decepção. Fiquei péssimo.

Seu pai sempre o levou aos estádios. Você, por sua vez, vai com seus filhos? Todos são tricolores?

Tenho quatro filhos e logo serão cinco. O que vai nascer agora será gaúcho e tem tudo para seguir os passos da mãe, que é gremista. Mas ainda acho que ele vai ser são-

"Não tenho palavras para falar do Rogério *(Ceni)*. Ele é simplesmente fenomenal. É uma espécie de Ronaldinho Gaúcho dos goleiros"

paulino. Filho meu, afinal, é são-paulino. Não que mande neles, mas lhes ofereço a chance de gostarem de uma coisa boa tendo a agradável companhia do papai *(risos)*. O Sebastião é meu companheiro de futebol. O Théo é o mais velho. Também curte muito, mas costuma ficar na arquibancada.

Com o nascimento de seus filhos, o que mudou na sua vida?

Amo meus filhos. Tenho prazer na companhia deles. Acabamos de voltar de uma viagem para Ubatuba e ficamos dez dias jogando bola na praia, acordando e tomando café juntos. Eu os admiro. Nada se compara com a riqueza que é ter filhos. É uma relação muito particular, não só pelo amor, mas pelas afinidades, pelos laços, por você perceber que aquela criança é sua herdeira genética e que, sobre ela, você exerce um papel de exemplo. E aprender a reconhecer a existência de outra pessoa, cujo amor é tão grande que o faz reconsiderar seus próprios limites, é fundamental para sua reinserção na sociedade. As pessoas que tiveram filhos passaram por uma reformulação na maneira de se relacionar com os outros. É a evidência de que outra pessoa pode ser mais importante que você. Isso abre uma forma diferente de ver o mundo e de se posicionar nele. É impossível se manter igual depois do nascimento deles.

Voltando ao futebol, atualmente um dos grandes boleiros do futebol brasileiro, na sua opinião, é Ricardinho, que foi recém-contratado por uma agremiação turca. Por que ele não conseguiu jogar no São Paulo o futebol que o consagrou em outras equipes e até na seleção brasileira?

Não tenho a menor idéia. Só quem estava no clube na época deve saber. Convivência em conjunto é estranho. Há milhões de implicações. Acho que no futebol, mais do que no meio em que convivo, os grupos são muito heterogêneos e há uma rotatividade enorme. Lamento porque, quando o São Paulo contratou o Ricardinho, fiquei muito feliz. Na minha opinião, ele tem o melhor passe do Brasil. Em nove minutos que jogou contra Gana na Copa da Alemanha deste ano, justificou a convocação dele e proporcionou alguns dos poucos minutos de bom futebol exibido pela seleção brasileira.

Por outro lado, um jogador que você admira demais e que sempre se deu muito bem no Tricolor, ao contrário de Ricardinho, é Rogério Ceni. O que falar dele?

Não tenho palavras para falar do Rogério. Ele é simplesmente fenomenal. É uma espécie de Ronaldinho Gaúcho dos goleiros. O Brasil não ganhou a Copa porque o Parreira insistiu em deixá-lo no banco de reservas. A seleção não podia deixar de contar com a presença de um sujeito tão fundamental quanto ele dentro de campo.

Para finalizar, qual é a sua seleção de todos os tempos do São Paulo?

(Pensa um pouco, pega uma caneta e anota, nas costas da minha pauta, seus favoritos; a escalação está logo acima) É difícil, mas vamos lá: Rogério Ceni; Oscar, Dario Pereyra, Pablo Forlan e Leonardo; Mineiro, Raí, Kaká e Müller; Serginho e Zé Sérgio.

Nando Reis

SELEÇÃO NA PRANCHETA
Só os notáveis

RUBENS CHIRI

“Sou fanático pelo São Paulo. Se um dia eu tiver que ir embora, vou voltar para comprar um ingresso e assistir ao time. A gratidão é muito grande”

LUGANO, ex-zagueiro tricolor transferido recentemente para o futebol turco
(Lance! de 02/08)

“Pelo que o Rogério está fazendo e fez no ano passado, podemos sim falar da ‘era Rogério’. É uma liderança. Um jogador que abraçou o clube, só jogou no São Paulo e tem uma identificação com o torcedor muito grande”

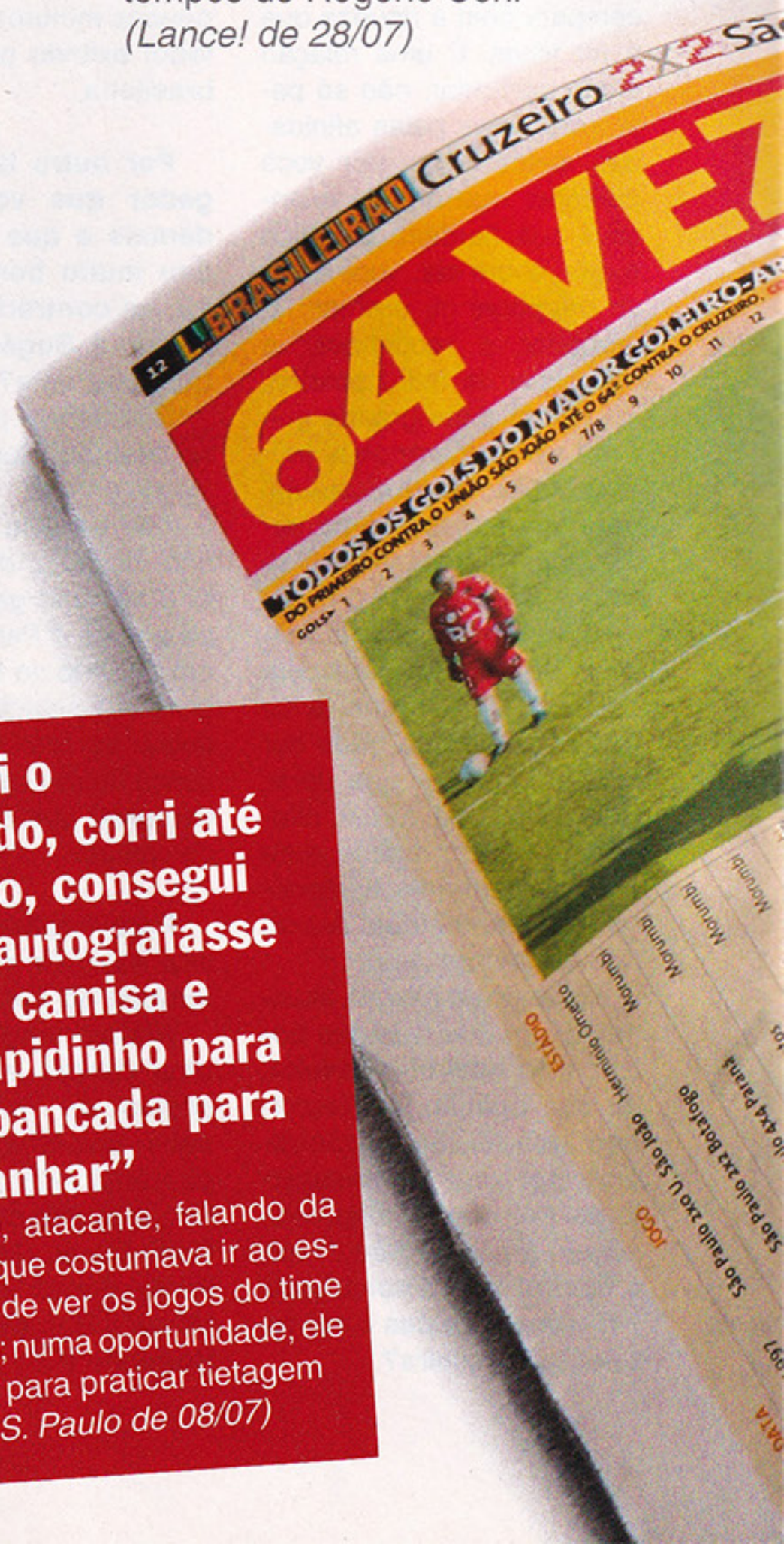
ZETTI, ex-goleiro do SPFC, comparando a Era Telê aos tempos de Rogério Ceni
(Lance! de 28/07)

“Já que o Nilmar *(atacante do Corinthians)* foi fazer a cirurgia no Rio de Janeiro, que faça tratamento lá no São Paulo para voltar mais rápido”

NETO, ex-jogador e comentarista, no programa *Vídeo Gol*, da Rede Record, em 22 de julho

“Hoje, só um idiota não deixaria ele *(sic)* bater faltas”

MÁRIO SÉRGIO, técnico de futebol que, na época em que comandava o Tricolor, não permitia que Rogério Ceni fizesse cobranças de bola parada
(Lance! de 22/08)



“Eu pulei o alambrado, corri até o Rogério, consegui que ele autografasse a minha camisa e voltei rapidinho para a arquibancada para não apanhar”

LEANDRO, atacante, falando da época em que costumava ir ao estádio a fim de ver os jogos do time do coração; numa oportunidade, ele aproveitou para praticar tietagem
(Folha de S. Paulo de 08/07)

“É um ótimo goleiro que também conta com esse complemento de cobrar faltas e pênaltis com perfeição”

GUILLERMO SCHELOTTO, atacante do Boca Juniors, da Argentina, que é fã assumido de Rogério Ceni *(Lance! de 27/07)*

“Fico contente de ter chegado nessa marca nesse clube, que eu gosto tanto. Sei que dei uma grande felicidade ao torcedor são-paulino”

ROGÉRIO CENI sobre o fato de ser o goleiro com o maior número de gols *(até o fechamento desta edição, eram 65)* na história do futebol mundial *(Gazeta.net em 20/08)*

HOMENAGEM

Edição do *Lance!* que circulou um dia depois do feito de Rogério Ceni

REPRODUÇÃO LANCE! - FOTO CARLOS CECCONELLO

Acesse
www.torcidarbk.com.br

E fique por dentro de tudo o
que acontece com seu time.

RBK

Fornecedor oficial de materiais esportivos do São Paulo Futebol Clube

SAUDAÇÃO ENTRE CRAQUES
Pelé já incluiu Pedro Rocha entre os cinco melhores do mundo

ACERVO GAZETA PRESS

Verdugo e a camisa 10

Um dos maiores meias da história do São Paulo, o uruguaio **PEDRO ROCHA** marcou época no futebol mundial com sua categoria e visão de jogo

Por Fernando Savaglia
Colaboraram Raul Snell Jr. e Roberto Minami

No início dos anos 70, a camisa 10 dos principais clubes nacionais era reservada aos craques. No País do futebol, recém-coroado tricampeão mundial, sobravam talentos na posição. No

Estado, Pelé, Gérson, Ademir da Guia e Rivelino eram respectivamente as estrelas de Santos, São Paulo, Palmeiras e Corinthians.

Antes de o "Canhotinha de Ouro" deixar o Tricolor a fim de retornar ao Rio de Janeiro, a diretoria contratou outro genial meia-armador. Já consagrado, Pedro Virgílio Rocha Franchetti tornou-se a cara do São Paulo naquela década. Afora o estilo exuberante, era o líder que, dentro de campo, comandava o plantel.

Sua fantástica trajetória começou em Montevidéu, capital do Uruguai. Depois de apenas três treinamentos no time B do Penãrol, um dos clubes mais tradicionais daquele país, o técnico Roberto Scarone fora convencido de que precisava cavar espaço para aquele jovem, nascido na pequena cidade de Salto.

Com apenas 16 anos, Pedro Rocha estreou. Mas improvisado na ponta-direita em lugar do astro peruano Teófilo Cubillas, que havia sido vendido para um clube espanhol. Rapidamente, foi apontado como o sucessor do atacante argentino Juan Eduardo Hohberg, ídolo no Uruguai que tinha o apelido de "El Verdugo" - algo como "O Matador" em português - por causa dos muitos gols que marcava.

Além da alcunha, Rocha herdou a vocação do portenho para estufar as redes. Chegou a atuar como centroavante. Foi no meio-de-campo, porém, que brilhou, transformando-se num dos mais importantes atletas de sua época. Terminou fazendo história com a camisa do clube uruguaio, pelo qual alcançou uma série de títulos, como os das Libertadores de 1961 e 1966 e os dos Mundiais Interclubes dos respectivos anos.

COM O MANTO TRICOLOR

O namoro com o São Paulo começou num amistoso no Maracanã entre a seleção da Fifa e a brasileira, em 1967. Na ocasião, foi sondado pelos dirigentes tricolores sobre a possibilidade de mudar de ares. "Havia muito tempo que estava no Peñarol. Achei que seria bom para minha carreira aceitar o desafio de jogar no Brasil", explica. "Já tinha todos os títulos uruguaios que podia."

Cerca de três anos mais tarde, ele aportou na capital paulista para atuar num supertime. Era o São Paulo voltando à rota das conquistas. Aos 28 anos e consagrado, demorou um pouco para adaptar-se ao País e à forma de jogo da equipe treinada por Zezé Moreira. O time ainda contava com Gérson, que também era meia. "No começo, me sentia mal e não conseguia encontrar meu jogo. Até que, um dia, o dr. Henri Aidar *(ex-presidente do São Paulo)* me disse que havia recebido uma proposta de um clube mexicano pelo meu passe", revela. "Disse-lhe que não gostaria de sair enquanto não mostrasse meu verdadeiro futebol. Era uma questão de honra."

Para Pedro Rocha, Gino Orlando, ex-centroavante e ex-administrador do Estádio do Morumbi, foi uma pessoa muito importante nessa fase. "Ele era nosso paizão. Todo atleta que tinha algum problema aqui conversava com ele e o dr. Carvalhães *(um dos primeiros psicólogos brasileiros a traba-*

RAIO X

PEDRO ROCHA **VIRGÍLIO FRANCHETTI**

Nascimento: 03/12/1942
Local: Salto (Uruguai)
Jogos disputados pelo SPFC: 390
Gols marcados pelo clube: 119
Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 1971 e 1975
Outros times: Peñarol, Coritiba e Palmeiras

EM CASA
O ex-atleta hoje no Estádio Cícero Pompeu de Toledo

CARLOS CECCONELLO

BOM DE PAPO Durante a entrevista realizada no Morumbi

CARLOS CECCONELLO

EXPERIÊNCIAS DE UM REPÓRTER

Domingo, 19 de novembro de 1972. Dizem que a primeira vez que se vai ao estádio jamais se esquece. Ainda mais quando se consegue acesso à área reservada à imprensa, pela qual os atletas circulam antes de descer para os vestiários. Naquela tarde, no saguão do Morumbi, um garoto de 7 anos se depara com figuras que, até então, só vira pela tevê ou em fotos de jornais. Lá, diante de seus olhos, estavam Paraná, Forlan, Gilberto Sorriso e Roberto Dias. Ele reconhece também alguns cronistas esportivos que participavam, nas noites de segunda-feira, da mesa-redonda comandada por Milton Peruzzi na TV Gazeta. De repente, é levado para ser apresentado àquele que é seu grande ídolo no futebol. "Rocha, esse aqui é seu fã. Fala que, quando crescer, quer jogar como você", explica o padrinho do menino, que era conhecido do craque são-paulino e promoveu o encontro. Incentivado, o jovem admirador mostra ao uruguaio o número 10 costurado por sua mãe na camisa são-paulina. Naquela noite, quase não dormiu. Além de acompanhar pela primeira vez a vitória de seu time do coração ao vivo, no Morumbi, de quebra apertou a mão de ninguém menos que Pedro Rocha, um dos maiores jogadores de futebol da história. Trinta e três anos depois daquele momento, esse mesmo garoto, hoje um homem, profissional da imprensa, tem novamente a oportunidade de ficar cara a cara com o ex-craque. Desta vez, "eu" fui ao Estádio do Morumbi fazer a entrevista que deu origem a esta matéria. Agora, sem a timidez de criança, fui presenteado com fantásticas histórias. Pedro Rocha falou de suas aventuras nos campos do mundo. Surpreso, eu soube que o neto do craque, que dizem ter o chute forte, pouco sabe a respeito do que o avô representou para a história do Tricolor. Pois, bem, Lucas, acredite: milhares de meninos na década de 1970 queriam lançar, driblar, chutar, cabecear e marcar muitos gols com a camisa 10 do São Paulo inspirados por seu avô. Sei disso porque fui um deles. **(FS)**

Dedicado a Luís Carlos Amora

lhar com o esporte)." Passados os meses mais difíceis, Rocha virou a principal peça do meio-de-campo.

Alguns anos antes disso, no entanto, Pelé já o havia posto entre os cinco maiores jogadores de seu tempo. "Por um lado, me senti muito orgulhoso, ouvindo isso dele. Entretanto, por outro, as cobranças aumentaram", afirma. "Queriam que desse show em todos os lugares. Nem pensava nisso. Queria ganhar *(risos)*", diverte-se.

De qualquer forma, a quantidade de gols que fez com a camisa são-paulina, sobretudo se for levado em consideração que essa não era uma responsabilidade sua, mostra um pouco de sua competência. Para que se tenha idéia, possui média maior que muitos atacantes que passaram pelo clube. No Brasileiro de 1972, foi o artilheiro. No torneio, balançou as redes 17 vezes. Uma de suas especialidades era o chute forte de fora da área. Afora isso, era excelente cabeceador.

Quanto à responsabilidade de um meia - servir aos parceiros -, seria, fácil, um recordista no Brasil na década de 1970. Afinal, cansou de deixar na cara gol os companheiros com lançamentos precisos. Aliás, alguns grandes centroavantes, como Serginho Chulapa e Mirandinha, além de receberem passes açucarados, souberam aproveitar alguns rebotes dos "tiros" arrasadores de Pedro Rocha.

PELO MUNDO

Defendendo a seleção uruguaia, participou das Copas do Mundo de 1962, 1966, 1970 e 1974. Contundido, não entrou na semifinal da Copa do México contra o Brasil, em 1970. Quatro anos depois, esteve em campo com a Celeste na Alemanha, onde teve a difícil missão de enfrentar a Holanda de Cruyff, a famosa "Laranja Mecânica".

"Era nossa estréia e pouco sabíamos sobre a revolução tática que o Rinus Michels havia adotado", diz Rocha, que complementa: "Combinamos quem marcaria quem, mas, na hora do jogo, os zagueiros atuavam como atacantes e os volantes apareciam nas pontas. Jogavam um futebol de outro planeta".

O ex-camisa 10 do São Paulo guarda na memória vários episódios engraçados do confronto. Um deles envolve Monteiro Castillo. "Era um volante que dava muita pancada. Ele disse para deixar o Cruyff com ele. No final do jogo, perguntei-lhe por que não marcou o holandês como havia prometido. E ele disse que simplesmente não encontrou o homem durante a partida inteira *(risos)*."

Naquele mesmo ano, por pouco o Tricolor não conquistou sua primeira Libertadores. Numa final disputada em três partidas contra o Independiente, o São Paulo venceu, de virada, por 2 a 1 os argentinos aqui e perdeu por 2 a 0 em Buenos Aires. "Era impossível ganhar um jogo de Libertadores lá. O Ramon Barreto, que foi o árbitro, inventou cada absurdo contra a gente," aponta. "Disse-lhe que ele era a vergonha do Uruguai e que estava ajudando descaradamente os argentinos."

Nessa mesma partida, ao subir para cabecear uma bola, Rocha torceu o tornozelo, o que praticamente o tirou do terceiro e decisivo confronto, disputado no Chile. "Fiquei três dias sem andar, mas não queria ficar fo-

ra de jeito nenhum. No vestiário, antes do jogo, me deram quatro injeções de analgésicos. Durante o segundo tempo, porém, voltei a sentir muita dor." Quando perdia por 1 a 0, o Tricolor ainda teve a chance de igualar o marcador, pois o juiz assinalou um pênalti. "O Zé Carlos *(meio-campista)* tinha treinado várias cobranças no dia anterior e me disse que estava confiante. Infelizmente, acabou errando", explica Rocha, que atuou no sacrifício.

Em 1975, o time conseguiu um feito fantástico. Ficou 46 partidas sem perder, somando 35 vitórias e 11 empates na temporada. Foram quase nove meses sem ser batido. Conquistou também brilhantemente o Campeonato Paulista. A equipe contava, no meio-de-campo, com Chicão, Pedro Rocha e Muricy Ramalho. Ao atual técnico tricolor, aliás, Rocha dirige diversos elogios. "Era um jogador fantástico. Se não tivesse se machucado, teria sido tranqüilamente um dos destaques da seleção brasileira."

As finais daquele torneio foram contra a Portuguesa. E Rocha foi o autor do gol que deu a vitória ao Tricolor na primeira partida. Em 1977, o ciclo do craque no Morumbi chegou ao fim. Ele transferiu-se para o Coritiba. Lá, somou à sua galeria um título estadual.

A história de Pedro Rocha, embora ele ainda tenha tido uma breve passagem pelo Palmeiras e pelo México antes de encerrar a carreira, e a do São Paulo nos anos 70 se confundem. A camisa 10 tricolor, afinal, sempre o vestiu muito bem. Depois de pendurar as chuteiras, foi treinador. Comandou a Inter de Limeira e o Mogi Mirim. Mas garante que a instabilidade da atividade o desencorajou a prosseguir. Atualmente, tem uma empresa de representações de marcas e é empresário de novos talentos do futebol. Também faz parte de uma equipe de veteranos que viaja pelo interior do Brasil.

"Por um lado, me senti muito orgulhoso, ouvindo isso dele *(Pelé)*. Entretanto, por outro, as cobranças aumentaram. Queriam que desse show em todos os lugares. Nem pensava nisso. Queria ganhar *(risos)*"

CARDÁPIO VARIADO
Dona Miriam ao lado do Bigode preparando um de seus famosos sanduíches

Preliminares

Antes das partidas do Tricolor, dezenas de são-paulinos concentram-se na BARRACA DO BIGODE para apreciar o famoso sanduíche de pernil e bater papo com os amigos

Por André Toso

Em dia de jogo, é comum observar nas imediações do Estádio do Morumbi uma movimentação acentuada de pessoas e um colorido vivo de bandeiras e camisas tricolores. É possível também visualizar espessas colunas de fumaça, oriundas das inúmeras barracas de lanches que cercam o local, e sentir o cheiro tentador de todos eles. Muitos não resistem e se fartam com as guloseimas enquanto aguardam o início da partida.

Um desses estabelecimentos gastronômicos se destaca pela presença de uma figura simpática que é facilmente reconhecida pelos torcedores. Com sorriso sempre receptivo, o comerciante Luciano Ferreira, conhecido pelo apelido de Bigode, vende um dos mais famosos e tradicionais sanduíches de pernil da cidade.

Mas muito mais do que simples local de venda de lanches, a Barraca do Bigode é ponto de encontro de dezenas de torcedores. É o caso de Rogê David, diretor-adjunto de Marketing do São Paulo, que freqüenta o local há mais de dez anos. "Passei por diversas barraquinhas até me identificar. O pessoal é muito legal e o pernil, im-

batível." Rogê conta que fez amizades preciosas nesses anos todos. "Conheci todo o tipo de gente aqui."

E é exatamente essa diversidade a marca registrada do local. Num mesmo ambiente convivem empresários, publicitários, operários e jornalistas, entre outros profissionais. Trata-se de um espaço integrador que tem histórias bem particulares. Para o juiz de direito Gustavo Romero, virou tradição passar pelo local antes dos jogos. "Vim pela primeira vez em 2004 e, desde então, não parei mais. O clima aqui é muito agradável."

A proximidade entre os freqüentadores originou até mesmo um fórum de discussões na internet. O endereço on-line *(www.omaisquerido.com.br)* reúne diversos torcedores tricolores que discutem temas ligados ao clube e combinam os encontros no Morumbi. Também foi criada uma comunidade no site de relacionamentos orkut que reúne 132 membros e homenageia o espaço onde são comidos os lanches.

CUIDADOS IMPORTANTES

Todos conhecem a barraca como de propriedade do Bigode, mas a receita do lanche de pernil é invenção de sua esposa, Dona Miriam. Responsável pelos cuidados com a higiene na preparação dos alimentos, ela conta que procura fazer o possível para assegurar que o cliente se delicie sem qualquer tipo de preocupação. "Por trabalharmos na rua, precisamos ficar ainda mais atentos e tomar todas as precauções necessárias", garante.

Toda essa atenção é recompensada pela satisfação dos fregueses. Gustavo lembra que, na viagem para o Japão – para a disputa do Campeonato Mundial Interclubes de 2005 -, não se arriscou em nenhuma das lanchonetes instaladas no Estádio Nacional, local da decisão entre São Paulo e Liverpool. "Lamentei profundamente a falta da Barraca do Bigode por lá. Nenhuma era tão boa e confiável."

Outro diferencial é o fato de o local ser legalizado desde 2002. Bigode afirma que foi um ultimato. Ou regularizava a situação ou seria obrigado a deixar a área em que estava instalado. Segundo Maurício de Oliveira Pinterich, subprefeito do Butantã, a maioria dos estabelecimentos em torno do Morumbi já possui o chamado Termo de Permissão de Uso (TPU). Ainda existem, entretanto, muitos ambulantes no local. "O esforço para fiscalizar esses vendedores ilegais tem contado com uma cooperação entre outras subprefeituras. Sabemos que é difícil, mas todas as barracas montadas, ao menos, já são legalizadas."

MUITO BOM!

Nosso repórter não resistiu e experimentou o famoso sanduíche de pernil. Veja o que ele diz:
"Realmente é um lanche muito bom. Destaque para a qualidade dos ingredientes e para os molhos e temperos que garantem um sabor especial. É um "investimento" de R$ 4,00 que vale a pena. O sanduíche tem um tamanho generoso e, na companhia de uma cerveja gelada, é irresistível".

ANOTE

FOTOS RUBENS CHIRI

RECEITA DE SUCESSO

- ✓ Pão francês
- ✓ Tomate
- ✓ Pimentão
- ✓ Molho inglês
- ✓ Pernil fatiado
- ✓ Cebola
- ✓ Molho de alho
- ✓ Sete ervas

HISTÓRIAS

O relações-públicas Rogério Guimarães é o freqüentador mais antigo da Barraca do Bigode. Há 19 anos, não abre mão do bate-papo e dos quitutes servidos no local. Torcedor fanático do São Paulo, não se esquece de um fato ocorrido nas primeiras visitas. "Pedi um cachorro-quente à Dona Miriam, que preparou cuidadosamente e me entregou. O detalhe é que ela esqueceu-se de colocar a salsicha *(risos)*."

Outro acontecimento que todos mencionam ocorreu no dia da final da Copa Libertadores de 2005. Uma turma de cerca de 30 pessoas chegou à barraca às 4 horas da tarde, montou uma mesa imensa, comeu e bebeu até o momento do jogo. Depois, entrou no estádio e comemorou o tricampeonato. Por causa da ansiedade, no entanto, ninguém pagou a conta. "Na partida seguinte, quitamos a dívida e, a partir de então, todos passamos a ter crédito com o Bigode", comenta Rogê.

A Barraca do Bigode, porém, não faz sucesso apenas entre torcedores. Técnicos, jogadores e artistas famosos já provaram as iguarias preparadas por Dona Miriam. Ela conta que funcionários do São Paulo, por exemplo, passavam pelo local apenas para buscar um lanche de pernil a pedido do falecido técnico Telê Santana. Luís Felipe Scolari é outro que apreciava o sanduíche após as partidas em que comandava suas equipes no Morumbi.

Tanta fama chegou aos ouvidos da apresentadora Ana Maria Braga, que gravou um programa com a receita do sanduíche de pernil. Para completar, a diretoria do São Paulo sempre escolhe a Barraca do Bigode para as festas do clube. "Todos nos conhecem aqui no Morumbi. São muitos anos de convivência. Virou um ponto de encontro tradicional", finaliza Miriam.

ZAGUEIRO-ARTILHEIRO
Na Libertadores deste ano, Edcarlos marcou gols decisivos

SANTO DE CASA

Revelado nas categorias de base do clube, o jovem EDCARLOS mostra seriedade e aplicação. Tamanha disciplina, aliás, tem rendido a ele muitos frutos, como a ótima apresentação diante do Estudiantes, no Morumbi, premiada com o gol da vitória

Por Filipe Sansone

A Libertadores da América deste ano foi interrompida durante a realização da Copa do Mundo da Alemanha. Durante o hiato que separou a primeira partida com o Estudiantes (10 de maio) da segunda (19 de julho), a nação tricolor aguardou ansiosamente cada minuto. Era um duelo vital para a permanência da equipe na competição. O São Paulo precisava reverter o placar de 1 a 0 construído em Quilmes, cidade próxima a Buenos Aires, capital da Argentina, pelos donos da casa. Para complicar as aspirações tricolores, quem foi ao Morumbi no jogo da volta viu os argentinos com o espírito aguerrido de seu técnico, o ex-volante da seleção de seu país Diego Simeone.

A um minuto de a etapa inicial encerrar-se, Edcarlos, que jogou porque dois dos três titulares da zaga estavam cumprindo suspensão, surgiu, na grande área adversária, como homem-surpresa depois de Júnior bater escanteio pela esquerda. Com a categoria de um atacante, passou por entre a defesa argentina sem ser percebido, mandou a bola para o fundo das redes e foi para o abraço mais importante de sua carreira até aquele momento. O tento manteve vivas as esperanças são-paulinas e, nos pênaltis, os brasileiros garantiram a classificação. No primeiro confronto com o Internacional, valendo o título do torneio, marcou o único gol são-paulino.

No clube desde os 15 anos, Edcarlos é um atleta da base, da qual foi promovido em 2003. Nesta temporada, após uma contusão no joelho, o zagueiro, que considera seu estilo mais técnico, voltou ao trabalho muito bem. Feliz da vida, agradece a Deus todos os dias o fato de fazer o que gosta e estar num clube como o São Paulo, na sua opinião sem igual no Brasil. Para matar a saudade da família, o jogador soteropolitano mantém contato diário com a mãe e os irmãos (sete; dois ho-

mens e cinco mulheres), todos em Salvador, capital baiana. Em entrevista informal, ele relembra alguns momentos de sua vida, como o ingresso no futebol profissional, entre outros assuntos.

Como foi sua infância?

Minhas lembranças são muito felizes. Tive dificuldades, como todo garoto humilde, mas estava sempre jogando futebol ou estudando. Não tínhamos grandes condições financeiras. Alimentação, porém, nunca faltou.

Fale de seu começo de carreira.

Jogava pelada na rua todos os dias. Até que um amigo me levou para uma escolinha em Salvador, onde fiquei mais ou menos dois anos treinando. Depois, participei de peneiras no Grêmio e no Palmeiras. Mas não passei. No ano em que poderia ser dos juniores, fiz três meses de teste no São Paulo e fui aprovado.

Quando você decidiu ser jogador, recebeu o apoio de seus pais?

Minha mãe sempre apoiou, mas jogando em Salvador. Saí de casa em 2001. Na verdade, era para ter feito isso em 1999. Não fui por causa dela, que não deixou. Fiquei muito mal. Depois de muita conversa, entretanto, permitiu. Ela ficava bastante apreensiva por causa da violência. Não com o futebol. Depois, falei que aqui era tranqüilo. Então tudo ficou melhor.

Quais foram as dificuldades na sua adaptação à cidade de São Paulo?

Quando vim, não conhecia ninguém. Não tinha parentes. Mas a família do Renan e a do Fábio Santos me apoiaram. Me ajudavam nos fins de semana. Não ficava no alojamento. Ia para a casa deles. Nas folgas, os pais dos dois me buscavam para conhecer São Paulo. Encontrei boas pessoas aqui. Isso me auxiliou bastante. Agradeço a eles minha adaptação. Foi quase 100% por causa deles. O que fizeram por mim era o mesmo que faziam para os filhos.

Você sempre foi zagueiro?

Não. Passei aqui como volante e disputei uma Copa Zico como atacante com o professor Lucas Neto *(técnico do juvenil)*. Consegui fazer três gols na competição *(risos)*. Depois, ele me pôs na zaga. O Pita *(técnico dos juniores)*, que estava precisando de um defensor, me viu num treino em que atuei no setor. E gostou. Quando cheguei ao São Paulo, eu era magrinho e baixinho. Aos poucos, fui crescendo, me desenvolvendo. Fiquei com um biótipo bom para o que faço hoje.

Nas categorias de base, que fatores em você chamavam a atenção do treinador?

Tinha competência tática e, sobretudo, muita obediência. Procurava fazer as coisas que o professor pedia. Além disso, o comportamento na divisão de base do São Paulo conta muito, tanto dentro quanto fora de campo. Eles trabalham a cabeça do atleta para que faça coisas certas em todos os sentidos. Com isso, fui sobressaindo.

De que maneira aconteceu o ingresso no time profissional?

Disputei uma taça São Paulo em 2003. Então o Oswaldo *(de Oliveira, ex-técnico do São Paulo)* foi ver os jogos e gostou. Como o elenco do profissional estava meio reduzido, terminaram subindo oito jogadores.

Quais são as diferenças da categoria de base para o time de cima?

Há um respaldo financeiro melhor, mas cobrança e comportamento continuam iguais. Não vejo diferença.

Na segunda partida contra o Estudiantes, pela Libertadores, você entrou porque dois dos três zagueiros titulares *(André Dias e Lugano, hoje na Turquia)* estavam impossibilitados de jogar e, no fim das contas, terminou virando o herói da noite. No primeiro jogo diante do Internacional, repetiu a dose. Como ficou sua cabeça?

Fiquei feliz. Trabalhei sempre fazendo as coisas da forma correta para chegar a esse ponto. Ser reconhecido pelo lado positivo é sinal de que tem alguém vendo o que você está fazendo e dando importância a isso.

Quem é seu ídolo no futebol?

Me inspiro na perseverança do Jean, que está na Rússia. Ele foi uma pessoa que, quando subi para o profissional, me apoiou bastante. Apesar de ser da mesma posição, era amigo e me dava muitos conselhos. Vi que, no dia-a-dia, ele não era nada daquilo que diziam por causa de algumas partidas.

Você acabou de voltar de uma entorse no joelho esquerdo. De que forma lidou com isso?

A princípio, foi triste. Fiquei apreensivo e achei que teria de operar. Graças a Deus, fui fazer os exames e não precisei. Peguei firme na fisioterapia. Voltei antes até do esperado e mais forte. Estou treinando e não senti mais nada. Estou feliz com minha recuperação.

O que você faz para divertir-se em São Paulo?

Não sou muito de sair, mas, quando há uma folga, curto ir ao cinema e viajar para a praia. Gosto mesmo é de ficar em casa. Vejo tevê e escuto música. Na concentração, jogo bilhar e navego na internet. Além disso, assisto a filmes e durmo bastante. Adoro isso *(risos)*.

EDCARLOS CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Nascimento: 10/05/1985
Local: Salvador (BA)
Posição: zagueiro
Altura: 1,82m
Peso: 75 kg
Clube: categorias de base do São Paulo Futebol Clube (2001/03) e time principal (2003/06)
Títulos: Supercampeonato Paulista (2002), Campeonato Paulista (2005), Copa Libertadores da América (2005) e Mundial Interclubes (2005)

FOTOS RUBENS CHIRI

A MAIOR TORCIDA DO BRASIL

Nenhum clube no País investe tanto na relação com seus torcedores quanto o São Paulo, cujo DEPARTAMENTO DE MARKETING, por meio de ações inteligentes, consegue estreitar ainda mais esses laços

Por Fernando Savaglia
e Felipe Sansone
Colaborou Carlos Mesquita

Na condição de esporte mais popular do mundo, é natural que o futebol tenha grande potencial como formador de receitas para os clubes. Entretanto, muitos estudiosos de marketing admitem que esse filão ainda é pouco aproveitado no Brasil. Numa ação até o momento inédita no País, o São Paulo vem fazendo da relação entre agremiação e torcedor uma de suas principais estratégias para valorizar ainda mais sua marca já mundialmente conhecida. Nesse processo de busca por novas rendas, é importante levar em conta as características culturais,

PARA PARTICIPAR DO BATISMO TRICOLOR

Inscrições pelo site oficial *(www.saopaulofc.net)* ou por carta. Não se esqueça de escrever o seguinte no envelope:

Batismo Tricolor
Estádio Cícero Pompeu de Toledo, A/C Departamento de Marketing - Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1 - Morumbi - SP - CEP 05653-070.

PRIMEIRA TURMA
São-paulinos que participaram do Batismo Tricolor em 26 de agosto

SEM LIMITE DE IDADE
Todos podem

FOTOS RUBENS CHIRI

sociais e mercadológicas de cada região a ser explorada, criando-se assim produtos que possam cativar novos e antigos simpatizantes. E é exatamente dessa forma que tem agido o time do Morumbi. Acompanhe, na seqüência, algumas das idéias são-paulinas para expandir sua torcida.

A TODO VAPOR

Depois do sucesso do programa de relacionamento Sócio-Torcedor, agora os tricolores têm à disposição o Batismo Tricolor. Trata-se de uma cerimônia, não religiosa, que confirma a vocação de torcedor do participante. Além do ato simbólico, a pessoa tem direito a um certificado oficial de "são-paulinidade", camisa exclusiva, broche da iniciativa, vaso com grama do Morumbi, duas fotos, DVD com imagens do "ritual" e uma vela oficial.

A idéia da diretoria de Marketing surgiu no fim do ano passado, quando o time se preparava para conquistar o terceiro título mundial no Japão. Segundo Julio César Casares, diretor responsável pelo departamento, essa é apenas uma das ações que fazem parte de um objetivo maior: transformar o São Paulo no clube com maior torcida do Brasil em dez anos. "É comum, quando nasce uma criança, o pai colocar uma camisa de seu clube do coração na porta do quarto da maternidade. Agora, ele pode batizar o filho aqui no Morumbi, que é o templo sagrado do são-paulino."

A primeira cerimônia ocorreu no Estádio Cícero Pompeu de Toledo em 26 de agosto. "Viemos de Ribeirão Preto para participar desse evento, que vale para sempre e simboliza a nossa paixão pelo São Paulo", declara o agente de turismo Milton Silva Jr., que rodou 320 quilômetros para batizar o filho, Mateus, de 2 anos.

"Isso nos ajuda na fidelização de torcedores, pois toca o coração das pessoas. A iniciativa é um sucesso. Já temos mais de mil inscritos", revela Casares, que gosta de frisar que não são só as crianças que podem participar. "O batismo pode ser feito por torcedores de qualquer idade. Temos a informação de que um grupo de idosos vem se batizar em setembro." Um dado curioso é que 20% dos garotos que se inscreveram são filhos de torcedores de equipes rivais, o que prova a capacidade que um time vencedor tem para conquistar fãs.

PENSANDO O FUTURO

Para ser a maior torcida do Brasil, a diretoria de Marketing do São Paulo estabeleceu outras estratégias, entre elas o "Embaixador Tricolor". "A idéia é termos um representante do clube em várias regiões para atender os torcedores na venda de produtos licenciados do São Paulo", explica Casares. Mas, para isso, o candidato teria de se enquadrar em alguns critérios. "Precisa ter disponibilidade de tempo, vínculo e certa representatividade para a sociedade local. E que seja são-paulino."

Outra idéia a ser colocada em prática é a do "São Paulo Itinerante", que consiste em mostrar um pouco da cultura tricolor. "Na semana em que o time for atuar em determinada cidade, haverá um ônibus e um caminhão estilizado com produtos licenciados. O objetivo é promover, também no local, palestras e seminários com ex-jogadores", esclarece o dirigente.

Mas a lista de ações não pára por aí. Ainda com o

VISTA ESTA IDÉIA
Casares *(primeiro à esq.)* com os tricolores que arrematararam as camisas

TAREFA DIFÍCIL, MAS POSSÍVEL

Segundo reportagem publicada recentemente pelo jornal *Gazeta Mercantil*, o Tricolor do Morumbi tem hoje, de acordo com pesquisa do Ibope, 15 milhões de torcedores. Até 2014, a meta é passar o Flamengo, do Rio de Janeiro, clube que lidera o ranking com 34 milhões de adeptos.

LEILÃO BENEFICENTE
Duas entidades assistenciais já foram contempladas

No Brasil, a torcida são-paulina é uma das que mais crescem. Embalada pelos recentes títulos, a agremiação conquista simpatizantes a todo instante e, de maneira inteligente, consegue estreitar laços com seus novos e velhos adeptos. Uma das primeiras atitudes que renderam frutos ao clube foi o programa de relacionamento Sócio-Torcedor. A idéia, concebida em 1999 pelo Departamento de Comunicações, tornou-se, segundo Jorge dos Santos Afonso, diretor de Comunicações do Tricolor, um empreendimento sólido. "O SPFC mais uma vez apostou num plano inovador e pulou na frente de qualquer outro clube brasileiro, tornando efetivo e real o que antes era chamado de 'projeto'", afirma.

Especialistas acreditam que o Sócio-Torcedor é uma das soluções econômicas que podem ajudar os clubes de massa a manter suas contas em dia. Na Europa, times grandes, como Barcelona e Real Madrid, têm em suas torcidas a maior fonte de renda. Em 2003, a equipe de Ronaldinho Gaúcho possuía 100 mil sócios, volume relevante tanto na formação quanto na manutenção do milionário plantel espanhol. Atingir tal patamar é o desafio do São Paulo. "Queremos ampliar o programa para esse número de sócios-torcedores num prazo entre 12 e 24 meses", diz Afonso. "Para que isso ocorra, a Diretoria está examinando a possibilidade de criar parcerias com empresas dispostas a tornar efetivo tamanho desafio."

Os benefícios para quem se torna sócio-torcedor são inúmeros e, em breve, devem ser incrementados. De acordo com Afonso, há uma série de melhorias à vista, como venda de ingressos por internet ou telefone, pagamento da mensalidade via cartão de crédito ou boleto em toda rede de estabelecimentos bancários e tratativas com lojas conveniadas com desconto na compra de produtos oficiais do SPFC, entre muitas outras.

Para oferecer todos esses confortos ao torcedor, o São Paulo tem uma equipe que cuida exclusivamente dos interesses do Sócio-Torcedor. "Não é qualquer clube que possui capacidade para administrar uma empresa paralela ao futebol", explica. "Há que se ter, além de aptidão e idéias adequadas à natureza do empreendimento, diligência e zelo na administração da situação econômica da instituição. E o presidente Juvenal Juvêncio, nos poucos meses de mandato, tem demonstrado muita habilidade no equilíbrio entre receitas e despesas do clube", destaca Afonso.

provisório nome de São Paulo Temático, a diretoria pretende montar feiras com atividades e entretenimentos nos moldes das que o Milan promoveu no Brasil há pouco tempo. "Além do lazer, temos o objetivo de fazer, nesses eventos, uma miniclínica de futebol."

O departamento de Marketing tricolor ainda está trabalhando no projeto de um canal de TV exclusivo do São Paulo, que, afora manter o torcedor informado sobre tudo que acontece no clube, auxiliará na divulgação de produtos licenciados. "Nosso objetivo é transformar o resultado dessas iniciativas em multiplicação de torcedores e receita para o clube."

Uma das ações que já estão em prática chama-se São Paulo Social. Casares explica como funciona o conceito. "O Tricolor é um time da comunidade desta cidade. Temos o cuidado de devolver a ela o que nos é

proporcionado." Em recente partida entre o clube e o Estudiantes, válida pela Libertadores da América, os atletas do São Paulo entraram em campo usando uma camisa personalizada para o jogo. Isso porque todas seriam leiloadas depois no site Mercado Livre. "O dinheiro arrecadado foi doado para duas entidades que cuidam de crianças e idosos", diz Casares.

Seguindo essa filosofia e contando com parcerias, o clube tem a intenção de aumentar suas ações sociais em prol da sociedade. "Vamos tentar patrocinar a limpeza de monumentos históricos da cidade de São Paulo", afirma o dirigente, que complementa de maneira confiante. "Temos metas e desafios a cumprir. Em dez anos, seremos a maior torcida do Brasil."

VEJA OS PRINCIPAIS PROJETOS DE MARKETING

BATISMO TRICOLOR
Cerimônia com cerca de 30 minutos que torna legítima a são-paulinidade dos torcedores.

EMBAIXADOR TRICOLOR
O clube escolhe representantes em regiões fora da cidade, do Estado e até do País para divulgarem a imagem do São Paulo Futebol Clube entre a sua comunidade.

PRODUTOS LICENCIADOS
O clube cria uma linha de produtos variados com a marca do Tricolor cuja comercialização gera dividendos.

TORCEDOR DO FUTURO
O São Paulo buscará em escolas da periferia crianças e as levará a partidas no Estádio do Morumbi para incentivá-las a torcer pelo clube. A idéia é selecionar quem nunca viu jogos pessoalmente.

SÃO PAULO SOCIAL
Por meio de atividades beneficentes, como leilão de camisas, o São Paulo ajuda comunidades humildes, atraindo a simpatia dos assistidos.

MORUMBI HALL
A idéia é fazer uma espécie de shopping center no Morumbi que funcionará em dias sem jogo. O ponto de partida é a construção de uma megaloja da Reebok. Haverá também uma calçada da fama na qual o torcedor poderá eternizar seu nome ao lado do de um ídolo.

PARQUE TEMÁTICO
Idéia que o Milan já utilizou, inclusive no Brasil. O São Paulo estuda a possibilidade de montar uma feira com exposição de camisas, vídeos, brinquedos e bolas, entre outros artigos. A princípio, o parque deve ser montado na capital. Mas existe a possibilidade de tornar-se itinerante.

SÃO PAULO ITINERANTE
Dias antes de o São Paulo jogar fora da cidade, uma equipe do clube vai para o local, faz palestras e vende camisas. Ex-jogadores serão incumbidos da tarefa.

CANAL DE TELEVISÃO
O clube estuda a criação de um canal pay-per-view para ser uma espécie de vitrina do São Paulo.

Ou você é bom de bola ou fica dono da bola.

Faça Marketing Champion.
Isso é mais que um convite. É uma convocação.

Atividades práticas ocorrerão no campo do São Paulo Futebol Clube, na cidade de São Paulo.
As despesas de transporte e hospedagem já estão incluídas no valor do programa.

MARKETING champion
CURSO AVANÇADO em ADMINISTRAÇÃO e MARKETING do ESPORTE

•São Paulo
•Rio de Janeiro
•Porto Alegre

SPFC

ESPM
www.espm.br

O VALOR DE NOSSA CAMISA ESTÁ
NOS VALORES QUE ELA DESPERTA.

Vestir a camisa do São Paulo Futebol Center, as escolas de futebol oficiais do Tricolor, não representa apenas o sonho de tornar-se atleta profissional. Significa fazer amigos e aprender, desde muito cedo, ensinamentos no esporte que valerão por toda uma vida.

Visite *www.saopaulofc.net* para mais informações.

SÃO PAULO FUTEBOL CENTER

SPFC

UNIDADES JABAQUARA (11) 5073 3343 / STO. AMARO (11) 5687 6480 / BUTANTÃ (11) 3731 8262 / SANTANA (11) 6971 1313 e 6977 7732 / PENHA (11) 6197 2029
FREGUESIA DO Ó (11) 3935 1764 / MAUÁ (11) 4513 3932 / COTIA e SÃO ROQUE (11) 4612 1618 / TABOÃO DA SERRA (11) 4787 1476 / OSASCO (11) 3683 0600
GUARULHOS (11) 6442 7354 / JUNDIAI (11) 4816 3294 / STO. ANDRÉ (11) 4991 8765 / S. J. DOS CAMPOS (12) 3941 2330 / SANTOS (13) 3261 1810 / CAMPINAS (19) 3237 4777
INDAIATUBA (19) 3834 4642 / SOROCABA (15) 3232 8332 / RIBEIRÃO PRETO (16) 3623 1715 / JOINVILLE (47) 3425 3008 / CURITIBA (41) 3015 1300 / BRASILIA (61) 3349 6614

"E DEUS AMA OS BRAVOS"

POR NIZAN GUANAES

MEUS AMIGOS SÃO-PAULINOS ME PEDIRAM QUE EU FALASSE A VOCÊS DIAS DEPOIS DE UMA TRAGÉDIA E NO DIA DE UMA DECISÃO. NÃO SEI POR QUE ME ESCOLHERAM. MAS ESSE DESAFIO ME EMOCIONA, AINDA QUE NÃO ENTENDA NADA DE FUTEBOL. PORQUE EU SOU CERCADO POR SÃO-PAULINOS; PORQUE EU SOU CERCADO PELO MUNDO DO FUTEBOL; E SOBRETUDO PORQUE, DIANTE DE UMA TRAGÉDIA, TODOS DEIXAMOS DE SER ISSO OU AQUILO E ASSUMIMOS A NOSSA CONDIÇÃO COMUM DE HOMENS, DE SERES HUMANOS. MAS NÃO É NA CONDIÇÃO DE HOMEM QUE EU VENHO FALAR A VOCÊS. EU FALO AQUI EM NOME DE ALGO QUE É MAIOR DO QUE EU. É MAIOR DO QUE VOCÊS. ALGO QUE ESTAVA ANTES DE NÓS E ESTARÁ AQUI QUANDO NÓS PASSARMOS. A CABALA CHAMA ISSO DE FORÇA, OUTROS CHAMAM DE DEUS. MAS NÃO IMPORTA O NOME QUE DAMOS A ESSA LUZ QUE LEVA OS HOMENS A FAZER COISAS MAIORES QUE ELES. O FATO É QUE ESSA FORÇA FEZ UM MALUCO ME CONVIDAR. ESSA FORÇA FEZ COM QUE EU ACEITASSE E ESTIVESSE AQUI DIANTE DE VOCÊS. ESTA PALESTRA É UM PÊNALTI. E EU NÃO POSSO PERDER. EU NÃO VIM TRANSFERIR A VOCÊS CONHECIMENTO. EU NÃO VIM DAR AULA DE MORAL. EU VIM APENAS LIGAR UMA LUZ. ESSA LUZ ESTÁ DENTRO DE TODOS OS HOMENS. ÀS VEZES, POR PROBLEMAS, POR FATALIDADES, O DISJUNTOR CAI — E FICAMOS SEM ELA. E SEM ELA NADA É POSSÍVEL. PORQUE, SEM ELA, NÃO VEMOS SAÍDA: FICAMOS NO ESCURO. "ENTUSIASMO" VEM DO GREGO "THEO", DEUS. QUEM TEM DEUS DENTRO DE SI TEM ENTUSIASMO. QUANDO ALGUÉM QUERIDO MORRE, É DIFÍCIL ESTAR ENTUSIASMADO. NÓS BRIGAMOS COM DEUS, FICAMOS DE MAL COM ELE. ESTA SEMANA, EU BRIGUEI COM DEUS. ELE É MEU AMIGO ÍNTIMO. E EU SINTO VONTADE DE BRIGAR COM ELE. EU SOU UM SER HUMANO, EU SOU LIMITADO PELO PRÓPRIO CORPO, PELA MINHA POUCA CAPACIDADE DE COMPREENSÃO. COMO COMPREENDER QUE DEUS TENHA TIRADO VINTE ANOS ATRÁS MEU PAI AOS 45 ANOS? COMO COMPREENDER ESTA SEMANA QUE DEUS TENHA LEVADO UM AMIGO, AOS 50 ANOS, DE INFARTO FULMINANTE? COMO PEDIR A VOCÊS QUE TENHAM DEUS DENTRO DE SI QUANDO VOCÊS PERDERAM PESSOAS MAIS JOVENS AINDA EM SITUAÇÃO ATÉ MAIS DRAMÁTICA? EU NÃO POSSO EXPLICAR ISSO NUMA DIMENSÃO HUMANA. E VOCÊS NÃO PODERÃO COMPREENDER ISSO, A NÃO SER QUE SEJA NUMA OUTRA DIMENSÃO. ENTÃO, QUE DEUS FALE ATRAVÉS DE MIM E QUE O DEUS DENTRO DE VOCÊS OS FAÇA ESCUTAR. HÁ MAIS DE 30 ANOS PERDI UM AMIGO DE 18 ANOS. DE MANEIRA INEXPLICÁVEL. EU SOFRIA POR ELE E ME VIA NO LUGAR DELE E SOFRIA MAIS AINDA. E, PARA ANIMAR SUA FAMÍLIA E CONSOLAR A MIM MESMO, COMPUS UMA MÚSICA QUE SAIU DE DENTRO DE MIM. ELA TEM UMA CERTEZA QUE EU NÃO TENHO, UMA ESPERANÇA QUE EU NÃO POSSUO. SÃO COISAS QUE NÃO ESTÃO EM NÓS. ESTÃO NO ALTO. E É NO ALTO, NÃO NO CHÃO, QUE ESTÁ A SAÍDA. GENTE CABISBAIXA SÓ OLHA PRO CHÃO. A SAÍDA É OLHAR PARA O ILIMITADO. E O ILIMITADO É O CÉU. QUEM OLHA PRA CIMA VÊ GRANDEZA, VÊ LUZ, VÊ INFINITO. QUEM OLHA PRA BAIXO SÓ VÊ O CHÃO, SÓ VÊ FIM. NÃO VÊ CAMINHO, NEM SAÍDA. PEÇO A VOCÊS QUE ESCUTEM ESSA MÚSICA COMIGO. MAS, SOBRETUDO, ESCUTEM O QUE ELA FALA DENTRO DE VOCÊS. AGORA QUE FALAMOS DA FORÇA QUE VEM DOS CÉUS E DA FORÇA QUE VEM DE DEUS, EU QUERO FALAR DA FORÇA E DA LIÇÃO QUE VOCÊS REPRESENTAM PARA OS OUTROS. O FUTEBOL BRASILEIRO VEM DE UM TEMPO ROMÂNTICO, EM QUE O ESPORTE ERA NACIONAL, LOCAL. UM TEMPO EM QUE O JOGADOR DAVA GLÓRIAS AO PAÍS, AO CLUBE, À TORCIDA E, MUITAS VEZES, MORRIA POBRE, ESQUECIDO. SAÍMOS DESSA ERA PARA A ERA EM QUE JOGADORES PODEM SER ASTROS MUNDIAIS, PODEM SE TORNAR MUITO RICOS. TUDO É MAIS GLOBAL, É MAIS RICO, É MAIS NEGÓCIO. MAS O FUTEBOL BRASILEIRO, QUE SAIU DERROTADO DA ÚLTIMA COPA, TEM DE ENCONTRAR UMA DIMENSÃO EQUILIBRADA ENTRE O SUCESSO PROFISSIONAL E O COMPROMISSO COM O PAÍS E COM OS MILHÕES DE PESSOAS PARA QUEM ELES SÃO LUZES. A VIDA DE MILHÕES DE BRASILEIROS É UMA TRAGÉDIA DIÁRIA. FOME, CRIANÇAS DE 10 ANOS TRABALHANDO EM PLANTAÇÕES, CRIME, DROGAS. DAS 18 CRIANÇAS ENTREVISTADAS PELO MV BILL NO SEU DOCUMENTÁRIO"FALCÃO — MENINOS DO TRÁFICO" EM 3 ANOS, 17 ESTÃO MORTAS. PARA ESSAS PESSOAS, DEUS SÃO VOCÊS. É PARA VOCÊS QUE ELAS OLHAM PARA TER ALEGRIA, RISO, ESPERANÇA. QUANDO ELAS OLHAM PRA TV, QUANDO ELAS ESTÃO NA TORCIDA, VOCÊS DÃO A ELAS A ALEGRIA, O RISO, A FELICIDADE QUE A VIDA NEGA. MAS VOCÊS NÃO DÃO APENAS A ALEGRIA E A ESPERANÇA AOS POBRES. VOCÊS SÃO TAMBÉM FÉ E ALEGRIA PARA OUTROS TIPOS DE POBRES. PARA AQUELE MENINO RICO QUE TEM DINHEIRO — MAS SÓ TEM DINHEIRO. PARA O SUJEITO QUE QUERIA SER MÉDICO — MAS É ADVOGADO. PARA A MULHER QUE QUERIA TER FILHOS — MAS SÓ CONSEGUIU UM MAU MARIDO. PORQUE AS TRAGÉDIAS E A TRISTEZA NÃO PROVÊM SÓ DA FALTA DE DINHEIRO, MAS, MUITAS VEZES, DO EXCESSO DELE. OU DE OUTRAS COISAS QUE NÃO TÊM NADA A VER COM O DINHEIRO. POIS, PARA MILHÕES DE PESSOAS SEM MOTIVOS PARA ENTUSIASMO, VOCÊS SÃO O ENTUSIASMO. OU SEJA, VOCÊS SÃO A VIDA DE QUEM NÃO TEM. E VOCÊS REAFIRMAM A VIDA DE QUEM ESTÁ EM PAZ COM ELA. VOCÊS LEMBRAM AOS POBRES QUE A VIDA É BELA. E AOS RICOS QUE A VIDA NÃO É SÓ DINHEIRO. PORTANTO VOCÊS NÃO SE PERTENCEM. UMA VEZ EU SUGERI AO ENTÃO PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE QUE NÃO MANDASSE DIPLOMATAS PARA REPRESENTAR O BRASIL EM SITUAÇÕES DE CONFLITO, MANDASSE A SELEÇÃO. UM DIPLOMATA BRASILEIRO NÃO FAZ O LÍBANO E ISRAEL PARAR. MAS, SE OS MAIORES JOGADORES DO MUNDO FOSSEM JUNTOS À ÁREA DE CONFLITO, ELES CONSEGUIRIAM UMA TRÉGUA OU, NO MÍNIMO, QUE TODOS OS OLHOS DO MUNDO VOLTASSEM SUA ATENÇÃO PARA ELES. OS JOGADORES GANHARAM UM SIGNIFICADO NO MUNDO QUE ELES PRECISAM COMPREENDER. A SELEÇÃO BRASILEIRA QUE VIMOS NÃO COMPREENDEU. ELA NÃO PERDEU SÓ A COPA: ELA PERDEU O RESPEITO. HÁ FORMAS E FORMAS DE PERDER UM JOGO. EXISTE UMA FRASE QUE ME INSPIRA NA VIDA: "GRANDES ÁRVORES CAEM DE PÉ". UMA GRANDE ÁRVORE NÃO PODE SE COMPORTAR COMO UM ARBUSTO. A SELEÇÃO BRASILEIRA MANDOU MENSAGENS RUINS AO POVO BRASILEIRO. A MENSAGEM DE QUE O DINHEIRO É ALGO TERRÍVEL E QUE DESTRÓI AS PESSOAS. E A DE QUE ELE DESTRÓI OS JOGADORES E FAZ DELES SERES "ÚNICOS" E SEM COMPROMISSO COM OS OUTROS. NÃO É VERDADE. DINHEIRO É UMA COISA BOA QUANDO GANHO COM SUOR E MERECIMENTO. E OS JOGADORES MERECEM E GANHAM COM COMPETÊNCIA E HONESTIDADE. QUEM TEM SUCESSO E DINHEIRO EM TAMANHA QUANTIDADE TEM DIREITO A CARROS, CASAS, MULHERES BONITAS, A CONHECER O MUNDO. MAS NÃO TEM SÓ DIREITOS. TEM DEVERES TAMBÉM. A SELEÇÃO SE ESQUECEU DE SEUS DEVERES. AQUELE IMPOSTO DE RENDA SOBRE A ALEGRIA QUE ELA DEVE PAGAR AO SOFRIDO POVO BRASILEIRO. O MAU EXEMPLO DA SELEÇÃO TORNA MAIOR A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO SÃO PAULO. O SÃO PAULO, AO CONTRÁRIO DA SELEÇÃO, É UM RECONHECIDO EXEMPLO DE GARRA, DE COMPROMISSO E PAIXÃO. EU, QUE NÃO ENTENDO DE FUTEBOL, ACOMPANHO A LUTA DE VOCÊS SOB O COMANDO DE UM ROGÉRIO CENI. VOCÊS SÃO O SUCESSO COM COMPROMISSO. VOCÊS SÃO A VITÓRIA PROFISSIONAL QUE NÃO ESQUECEU O POVO. POR ISSO, MESMO DEPOIS QUE UMA PLANTAÇÃO INTEIRA FOR QUEIMADA, O SÃO PAULO É AQUELA SEMENTE DE VINHA QUE RESTOU, QUE REAFIRMA A ESPERANÇA DE MELHORES DIAS PARA TODO O FUTEBOL BRASILEIRO. E EU NÃO ESTOU AQUI PARA DIZER COMO VOCÊS DEVEM GANHAR. MAS PARA LEMBRAR A VOCÊS COMO VOCÊS NÃO DEVEM PERDER. PARA UM GAROTO QUE VIVE PLANTADO NUMA CADEIRA DE RODAS OU QUE SÓ SE DISTRAI CHEIRANDO COLA, VOCÊS, MAIS DO QUE NUNCA, DEVEM SER EXEMPLOS DE SUPERAÇÃO. PARA O MENINO QUE ESTUDA E OLHA PARA VOCÊS COMO ÍDOLOS, VOCÊS DEVEM SER A MENSAGEM DE QUE AS PESSOAS NÃO SÃO APENAS O RESULTADO DE SUAS LUTAS, MAS O RESULTADO DE COMO LUTAM. VOCÊS ESTÃO ENSINANDO OU RELEMBRANDO A MILHÕES DE PESSOAS QUE O SUCESSO NÃO É SÓ DINHEIRO. VOCÊS VÃO LEMBRAR A MILHÕES DE PESSOAS QUE O HOMEM PODE ATÉ SER DESTRUÍDO, MAS NÃO PODE SER VENCIDO. E, AO LUTAREM ASSIM NESTA QUARTA-FEIRA, PODEM ATÉ SER VENCIDOS. MAS SUA TORCIDA NÃO SAIRÁ VENCIDA DO ESTÁDIO. SUA TORCIDA VAI TIRAR, DO EXEMPLO DE VOCÊS, EXEMPLOS PARA A PRÓPRIA VIDA. MAS, SE VOCÊS VENCEREM, NÓS SAIREMOS COM ALGO MAIOR QUE UM TÍTULO. VOCÊS VÃO DAR A ESTE PAÍS — QUE NADA APRENDEU DE BOM COM SUA SELEÇÃO E QUE TEM HOJE TÃO POUCOS ÍDOLOS EM QUEM ACREDITAR — MOTIVOS PARA VIVER. AYRTON SENNA ESTÁ MORTO? AYRTON SENNA ESTÁ VIVO. ELE NÃO PERDEU NEM PARA A MORTE. ELE É O SÍMBOLO BRASILEIRO DA VITÓRIA. CADA VEZ QUE UM BRASILEIRO VENCE E LEVANTA NOSSA BANDEIRA, SENNA REVIVE. MAS MUITOS JOGADORES DA SELEÇÃO MORRERAM NESTA COPA. VAMOS, MEUS AMIGOS, VAMOS DERROTAR MAIS QUE O INTERNACIONAL NESTA QUARTA. VAMOS VENCER A MORTE, VAMOS RESSUSCITAR A SELEÇÃO BRASILEIRA, PORQUE O SÃO PAULO É A SELEÇÃO QUE NÓS, ÓRFÃOS DELA, ADOTAMOS. E, SE A VITÓRIA NÃO NOS SORRIR, VAMOS ENSINAR COMO SE PERDE. LUTANDO ATÉ O ÚLTIMO MINUTO. SE NÃO PUDERMOS VENCER COMO DEUSES, VAMOS PERDER COMO HOMENS. E, QUANDO FIZERMOS ASSIM, O CICLO DO EXTRAORDINÁRIO SE COMPLETARÁ. VOCÊS, QUE NA CONDIÇÃO HUMANA FORAM BUSCAR FORÇAS EM DEUS PARA SEREM DEUSES. E O POVO VAI BUSCAR EM VOCÊS, DEUSES, FORÇAS PARA CONSEGUIREM SER HOMENS. E DEUS AMA OS BRAVOS.

PAIS DA MATÉRIA
No Brasil, Raí e Leonardo, entre a garotada, começaram com a idéia: hoje, muitos atletas seguem o exemplo

DIVULGAÇÃO

CAMPEÕES DA SOLIDARIEDADE

Por meio de instituições de caridade, jogadores e ex-jogadores do Tricolor ajudam quem vive em condições de pobreza com as quais muitos profissionais do futebol tiveram de conviver antes de fazer sucesso

Por Denis Moreira
Colaborou André Toso

Na biografia de quase todos os boleiros do Brasil, a história é mais ou menos igual. Geralmente, a infância, vivida em grotões do interior ou periferias esquecidas das grandes cidades, é repleta de dificuldades, como falta de dinheiro, problemas familiares e quase nenhuma possibilidade de estudo. A habilidade com a bola se torna, então, a única opção para fugir de uma vida que caminha para a miséria ou, em casos mais extremos, o crime. Alguns dos atletas que saíram vitoriosos de uma saga similar a essa, defendendo um time do porte do São Paulo Futebol Clube, resolveram contribuir para que tal roteiro não seja seguido por futuras gerações. Usando projetos sociais, jogadores e ex-craques do Tricolor estão fazendo sua parte para ajudar crianças e jovens de regiões pobres do País. A atitude possibilita que os contemplados melhorem sua realidade, tanto dentro quanto fora do esporte.

O centroavante Aloísio Chulapa *(acompanhe em Perfil a partir da página 34)*, uma das opções para o ataque atual, está marcando um golaço na partida contra a desigualdade social. Desde 2000, é o mantenedor do Centro Recreativo Aloísio Chulapa, localizado em sua cidade natal, Atalaia, a 500 km de Maceió, capital de Alagoas.

A concepção da entidade surgiu do próprio atleta, que, antes de ingressar no esporte, auxiliava nas finanças domésticas trabalhando como cortador de cana. "Falava que, no dia em que tivesse dinheiro, ajudaria todas as crianças carentes da minha cidade", diz. "Graças a Deus, paguei minha promessa", afirma. "Às vezes, quando vou lá visitá-los, eles começam a gritar 'Chegou o papai Aloísio!'. Para mim, essas coisas valem mais do que dinheiro, gol e tudo", emociona-se.

Sustentado exclusivamente com o dinheiro ganho por ele, o centro recreativo possui uma escolinha de futebol que atende 80 meninos com idades entre 10 e 16 anos e uma creche com 45 recém-nascidos de 1 a 4 anos. "Os menores ficam lá das 8h às 16h. Há atividades com professores, banho e alimentação", explica José da Costa Araújo, o Dedé, que coordena o projeto com Maria das Graças, mãe de Aloísio.

Os garotos mais velhos alternam-se em turnos entre manhã e tarde. Quem estuda em um horário treina em outro. A intenção do são-paulino é, segundo o coordenador do projeto social, formar valores e encaminhá-los a agremiações brasileiras. "Quando temos bons jogadores, nós os indicamos para times da região, como o Corinthians alagoano. O Aloísio sempre procura empresários amigos dele", revela Dedé. As pretensões também englobam a ampliação do terreno da entidade e a formação de um time para disputar campeonatos locais.

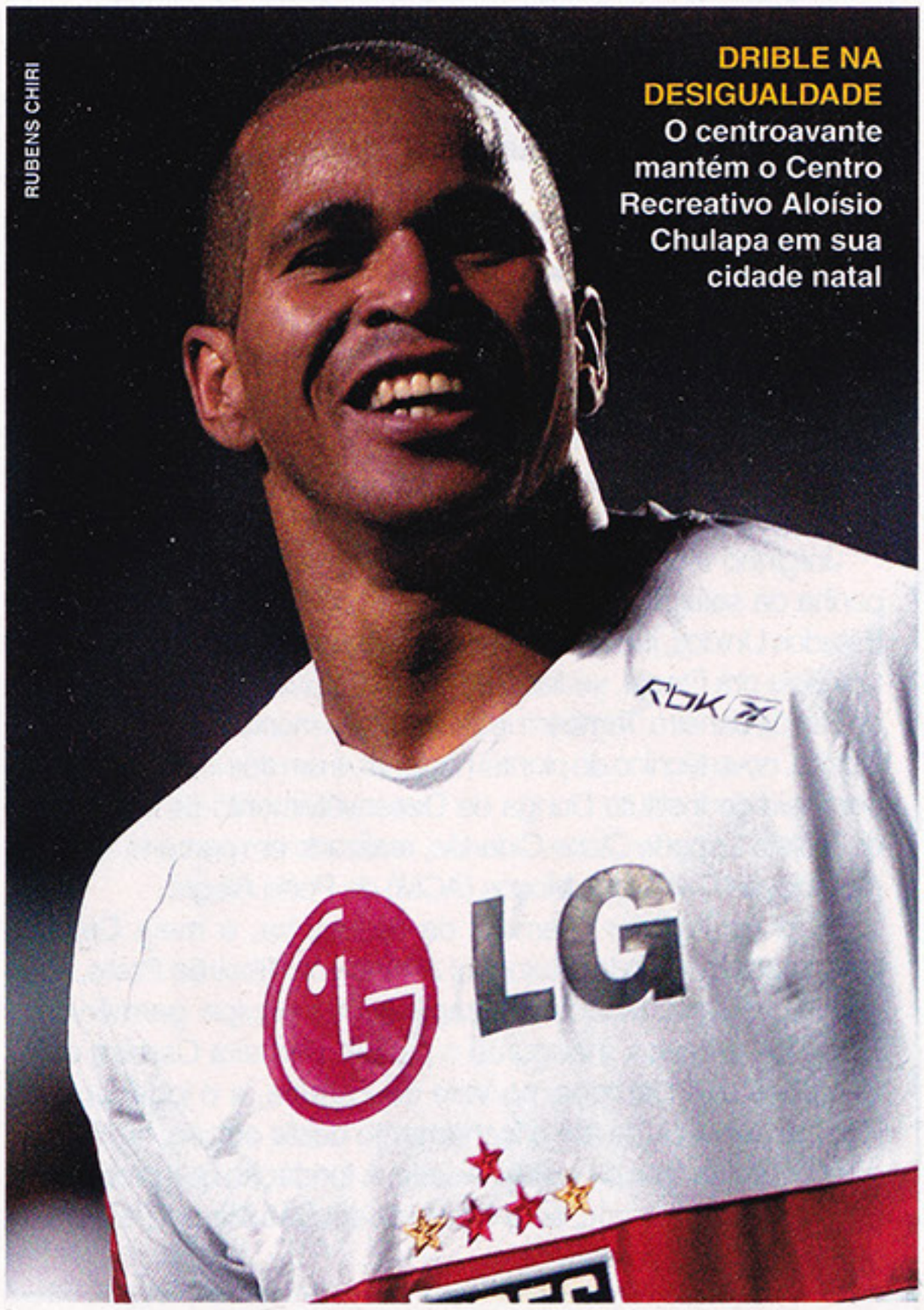
100% JARDIM IRENE

Apesar de estar há anos na Itália, onde é lateral-direito do Milan, Cafu não se esquece do bairro do Jardim Irene, na zona Sul de São Paulo, no qual nasceu e morou até 1992, quando já era titular dos profissionais do Tricolor. Disposto a fazer algo por crianças e adolescentes da região, uma das mais carentes e violentas da capital paulista, o capitão do pentacampeonato mundial inaugurou a Fundação Cafu, que cuida de quase quatro mil pessoas em um prédio construído em um terreno de dois mil e 41 metros quadrados cedido pela prefeitura paulistana.

No local, funcionam diversos projetos pedagógicos, esportivos e culturais que complementam as doutrinas escolares e inserem crianças e adolescentes no mercado de trabalho e, sobretudo, na sociedade. "A nossa intenção principal é torná-los cidadãos brasileiros. Queremos que saibam de seus direitos e tenham futuro em qualquer outra atividade", diz Marcelo Evangelista de Moraes, diretor-presidente da fundação e irmão do ex-craque são-paulino. De acordo com ele, a Fundação Cafu utiliza o esporte apenas como mais um meio de oferecer educação e entretenimento, diferentemente da entidade capitaneada por Aloísio Chulapa.

As atividades promovidas são direcionadas a meninos e meninas de 7 a 14 anos (Seleção Verde) e de 15 a 17 (Seleção Amarela). O primeiro grupo é atendido pelos projetos "Toque de Classe", "Dez na Escola e Dez na Bola" e "Jogando com Arte", que abordam, respectivamente, reforço escolar – com aulas de português, matemática e inglês –, esportes e atividades artísticas.

Em relação aos mais velhos, os programas "Pintando



DRIBLE NA DESIGUALDADE
O centroavante mantém o Centro Recreativo Aloísio Chulapa em sua cidade natal

a Cidadania" e "Formação para o Trabalho" estimulam a formação da consciência crítica e preparam os jovens para o mercado de trabalho, com direito a um curso de cabeleireiros promovido pela escola Embelleze. "Estamos tentando fechar parcerias com escolas profissionalizantes para adolescentes de 16 e 17 anos que precisam trabalhar para ajudar suas famílias", revela o irmão de Cafu. Os alunos têm ainda à disposição uma biblioteca comunitária com mais de dois mil livros, uma brinquedoteca, uma sala para atividades visuais, artísticas e oficinas culturais, uma sala para prática de informática e uma quadra poliesportiva.

A entidade também realiza atividades para os mais idosos ("Caminhada Saudável", que abrange cerca de cem pessoas), atendimento odontológico e programas de acompanhamento da vida escolar e familiar de crianças e jovens. "Trabalhamos com os colégios em que eles estudam, procurando saber como estão suas notas", conta Marcelo, relatando a surpreendente melhora no aprendizado e no comportamento de alguns alunos. "Algumas crianças eram meio revoltadas, neuróticas. Era compreensível, pois, se ficavam em casa, só assistiam à televisão; quando saíam, viam gente sem fazer nada, bebendo e jogando nos bares. Ao virem para cá, tiveram a mente aguçada para outras coisas e mudaram."

Mesmo em outro continente, Cafu permanece intimamente ligado ao trabalho. Da Europa, recebe constantes notícias sobre o andamento dos projetos por meio de vários parentes que ocupam cargos diretivos. Além de Marcelo, também participam da entidade os irmãos Maurício, Mauro e Margareth, o pai, Célio; e a mãe, Cleusa. A equipe de funcionários ainda inclui voluntários, estagiários e profissionais contratados.

"Procuramos manter o trabalho funcionando independentemente da presença dele", garante o diretor-presidente. "Mas, quando o Cafu está aqui, costuma visitar o lugar e procura saber tudo que está acontecendo." Nos períodos de folga do calendário do futebol europeu, quando o lateral-direito do Milan vem ao Brasil, são promovidas visitas e partidas beneficentes com jogadores e ex-jogadores famosos. Edmílson e Raí, entre outros, já estiveram no Jardim Irene.

SEMEANDO SONHOS

Embora tenha a intenção desde quando começou a jogar bola profissionalmente, o ex-zagueiro e volante são-paulino Edmílson, hoje no Barcelona da Espanha, admite que a Fundação Cafu foi uma de suas inspirações para fazer uma iniciativa semelhante em prol das crianças de Taquaritinga, a 320 quilômetros de São Paulo, onde nasceu e viveu até os 16 anos. "Durante minhas férias, sempre volto para lá. Na cidade, ouço muitos depoimentos de amigos, dizendo que as pessoas estavam muito abandonadas em termos de educação e cultura. Há grandes índices de falta de ensino, criminalidade e uso de droga no bairro onde nasci", descreve o jogador.

Batizado de "Edmílson Semeando Sonhos", o projeto será construído em uma área de 12 mil metros quadrados, cedida pela prefeitura local, e vai contemplar crianças entre 7 e 14 anos, oferecendo atividades variadas ligadas à educação e à cultura. "Meu intuito é fazer reforço escolar e cursos de informática, balé e artesanato para que a criança saia de lá bem instruída. Uma vez por semana, vamos conversar com os pais. Afinal, não adianta ensinar tudo direitinho se, em casa, o trabalho não tiver uma boa seqüência", argumenta o volante a respeito da fundação, que está sendo planejada pelo jogador em parceria com o pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular Jamil Valêncio e deve ser inaugurada no dia 28 de dezembro deste ano.

PAIS DA CRIANÇA

A história do envolvimento de atletas com trabalhos sociais pode ser dividida em antes e depois da Fundação Gol de Letra. Fundada em agosto de 1999, a entidade liderada por Raí e Leonardo – hoje uma

MAIS PROJETOS SOCIAIS

Não são apenas os jogadores e ex-jogadores do Tricolor paulista que estão envolvidos com o trabalho social. Para o bem da sociedade, é cada vez mais freqüente o número de atletas bem-sucedidos que mantêm ou pretendem estabelecer programas de auxílio educacional e formação cultural das novas gerações de brasileiros.

Jorginho e Bebeto, ambos participantes da vitoriosa campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, juntaram forças para inaugurar em 2000 o Instituto Bola pra Frente, sediado no bairro de Guadalupe, na capital do Rio de Janeiro. Também tetracampeão mundial, o ex-volante Dunga, novo técnico do plantel nacional, é um dos idealizadores, por meio do Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão, do projeto Esporte Clube Cidadão, realizado em parceria com a Associação Cristã dos Moços (ACM) de Porto Alegre.

Hoje no Werder Bremen, da Alemanha, o meia Diego lançou em junho o Instituto Gol Amigo em Ribeirão Preto, no interior paulista. Roque Jr., zagueiro da equipe germânica Bayer Leverkusen, inaugurou o projeto Primeira Camisa em São José dos Campos, no Vale do Paraíba, e o jogador Zé Roberto, sem clube até o fechamento desta edição, também quer entrar no time da solidariedade. A fundação que pretende criar, ainda sem nome, será montada em São Miguel Paulista, bairro pobre da capital.

FOTOS DIVULGAÇÃO

FUNDAÇÃO CAFU

Educação e saúde para as comunidades menos remediadas

das mais destacadas ONGs nacionais de apoio a pessoas carentes – foi a primeira no Brasil a ser custeada por jogadores de futebol. Acabou se tornando referência para esportistas *(vide quadro na página 32)* que promovem iniciativas parecidas em vários lugares do País. Edmílson, o medalhista olímpico de natação Gustavo Borges e o ex-meia do Santos Diego, entre outros, mantiveram contatos com a entidade antes de lançarem seus respectivos projetos.

A principal inspiração dos ex-craques são-paulinos para a concretização de um projeto nesses moldes veio da convivência com a cultura e a sociedade européias durante as temporadas em que atuaram juntos no Paris Saint-Germain, da França. "A vontade deles se fortaleceu quando notaram que os filhos dos empregados estavam na mesma escola que os deles. Lá, conceitos como direitos, educação e cidadania são muito fortes", explica Sóstenes Brasileiro de Oliveira, diretor-geral da entidade e irmão de Raí.

De volta ao Brasil, os dois procuraram entidades respeitadas do terceiro setor, como a Fundação Abrinq e o Instituto Ayrton Senna, para dar formato à idéia, que acabou se consumando em um terreno doado pelo governo paulista em uma escola estadual desativada no bairro de Vila Albertina, zona norte de São Paulo.

A Gol de Letra iniciou as atividades com o projeto "Virando o Jogo", que atende crianças de 7 a 14 anos. Em seguida, os jovens entre 15 e 21 anos passaram também a receber assistência por meio do programa "Cara da Vila", que se transformou no atual Programa de Formação de Agentes Comunitários. Hoje, com as duas atividades, o instituto assiste cerca de 650 pessoas em São Paulo. A filial da entidade no Rio de Janeiro, inaugurada em 2001 na cidade de Niterói, terra natal de Leonardo, tem atividades similares e uma média de 400 atendimentos. Há também outra unidade na comunidade do Caju, também na capital fluminense.

Apesar do estrondoso sucesso da entidade, que levou muitas outras cidades a se candidatarem para abrigar uma possível filial, a intenção de sua diretoria não é cavar espaços em outros locais. Além de melhorar os programas em funcionamento e estabelecer parcerias diversas com o poder público e demais entidades, um de seus planos é uma publicação elaborada por uma consultoria externa, que deve trazer um detalhado estudo – iniciado em agosto de 2005 e com conclusão prevista para o início do próximo ano – sobre as modificações provocadas pela Gol de Letra nas comunidades em que realiza trabalhos. "A nossa idéia é que, com os resultados, possamos transmitir um pouco de nosso conhecimento para que outras pessoas e entidades possam aplicá-lo a seus projetos", resume Sóstenes.

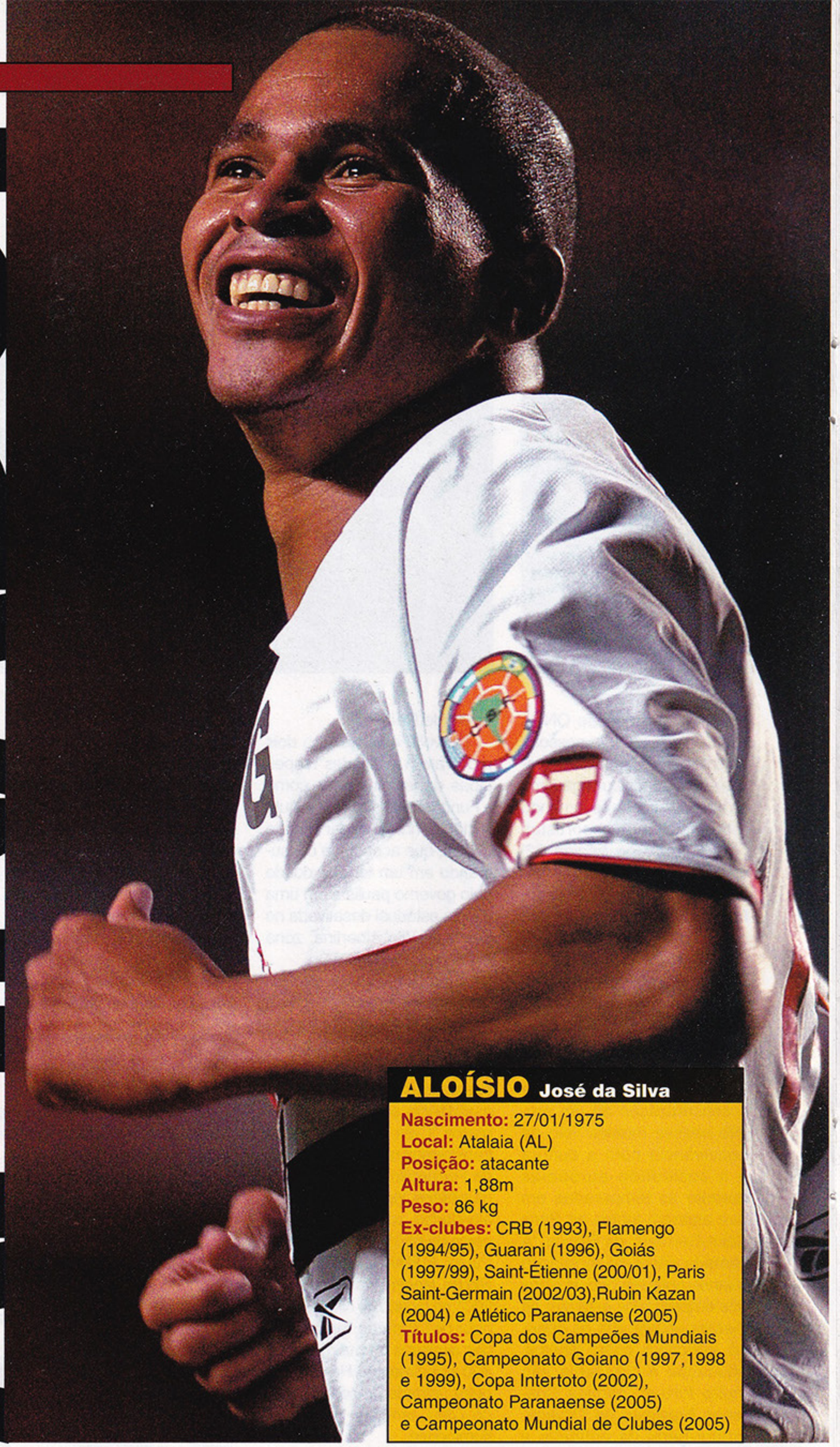
CONTATOS

FUNDAÇÃO CAFU
Site: www.fundacaocafu.org.br
Telefones: (11) 5824-0422/4447 e (11) 5821-6786

GOL DE LETRA
Site: www.goldeletra.org.br
Telefone: (11) 6262-2009

Perfil

ALOÍSIO



ALOÍSIO José da Silva

Nascimento: 27/01/1975
Local: Atalaia (AL)
Posição: atacante
Altura: 1,88m
Peso: 86 kg
Ex-clubes: CRB (1993), Flamengo (1994/95), Guarani (1996), Goiás (1997/99), Saint-Étienne (200/01), Paris Saint-Germain (2002/03),Rubin Kazan (2004) e Atlético Paranaense (2005)
Títulos: Copa dos Campeões Mundiais (1995), Campeonato Goiano (1997,1998 e 1999), Copa Intertoto (2002), Campeonato Paranaense (2005) e Campeonato Mundial de Clubes (2005)

EM TODOS OS CAMPOS

Aguerrido nos gramados, ALOÍSIO repõe as energias na paz do lar, onde curte música sertaneja e, sobretudo, a companhia da família

Por André Toso

Com seu jeito guerreiro e trombador, o centroavante são-paulino conquista cada vez mais os torcedores. Nunca, por mais difícil que seja, foge à batalha. Está sempre brigando, desportivamente, com os adversários. Tanto que, de muitos jogos realizados no primeiro semestre, saiu com curativos na cabeça ou no rosto. A extrema vontade de vencer e a força física avantajada são os combustíveis que o movem incansavelmente pelo campo em busca do gol. À garra, ao vigor e à atitude, soma o espírito solidário. Quando não balança as redes, passa aos companheiros depois de girar na frente dos zagueiros e proteger a bola como poucos.

Peça importante na equipe de Muricy Ramalho, Aloísio é um atleta disciplinado que, fora das quatro linhas, preza pela paz e a tranqüilidade. Em casa, curte deitar-se no sofá e brincar com os dois filhos. E tudo isso, de preferência, ao som de uma trilha sertaneja, seu estilo musical favorito.

Tal simpatia, aliás, nasceu em 1997, quando estava no Goiás. O atacante Alex Dias, um de seus companheiros de clube, foi quem lhe apresentou um repertório que incluía Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano e Chitãozinho e Xororó, entre outros. Desde então, Aloísio não parou mais de apreciar o gênero. Até hoje, afina a voz para interpretar algumas canções. O futebol, entretanto, propiciou a ele muito mais que essa descoberta.

MATADOR SOLIDÁRIO

Entre os tantos desejos realizados, o mais festejado foi a criação da Associação Aloísio Chulapa, em 2000. A entidade ajuda crianças com dificuldades sociais e econômicas de sua cidade natal, a pequena Atalaia, localizada a 50 km de Maceió, capital de Alagoas *(veja a partir da página 30 reportagem especial sobre trabalhos sociais de atletas e ex-jogadores)*.

Aloísio, hoje com 31 anos, sentiu na pele muitos dos problemas enfrentados pelas pessoas que atualmente assiste. A vida humilde, no entanto, não tirou dele a alegria da infância. "Mesmo sem ter luxo, foi uma fase muito boa." Esse sentimento era alimentado, principalmente, pela educação recebida dos pais e pelas peladas que jogava na rua. "O futebol sempre esteve presente", conta. O gosto pelo esporte era tão grande que ele deixava os estudos em segundo plano. Por mais que o senhor Luís

RAÇA Sempre com a mesma disposição

FOTOS RUBENS CHIRI

MATADOR
Ao lado de Mineiro, comemorando seu gol em cima do Palmeiras, pela Libertadores da América, em partida disputada no Morumbi

BATE-BOLA

Quando decidiu tornar-se jogador de futebol?

Acho que desde que nasci. Meu pai não me apoiava, não. Mas minha mãe, às vezes, falava para eu jogar minha bolinha. O problema é que eu chegava com a roupa toda suja e, como não havia água em casa, ela tinha de lavar num rio perto da cidade. Era meio complicado.

Você é são-paulino desde que momento?

Desde criancinha. Mais adiante, fui muito influenciado por Zetti, Müller, Palhinha, Cafu, Ronaldo Luís, Pintado, Dinho. Daquele time para cá, fiquei apaixonado. O São Paulo, aliás, é o único clube pelo qual torci. É por isso que, quando soube que jogaria aqui, a alegria foi enorme. Uma emoção sem tamanho. Na França, eu e o Alex Dias, que também é são-paulino doente, comentávamos sobre isso. Dizia a ele: "Alex, Deus já realizou todos os nossos sonhos. Só não o de vestir a camisa da seleção e a do Tricolor". Atualmente, estamos muito felizes aqui.

Como nasceu o interesse do São Paulo por seu futebol?

Existia interesse desde a época em que eu estava no Paris Saint-Germain. Certa vez, quase fui contratado. O Raí tentou intermediar. Mas não deu certo. No fim de 2005, o Milton Cruz me ligou. Disse que o São Paulo queria me levar para disputar o Mundial. Respondi na hora que era meu sonho, que sou tricolor doente e que era a oportunidade que Deus meu deu para vestir essa camisa.

De que forma você encara estar num time com tantas opções para o ataque?

É bom. Pois, se existem apenas dois atacantes, você olha para trás e não vê ninguém para fazer sombra. Ou seja, joga. Mas, se faz gol ou não, não existe outro que possa entrar. Com tantos, muda tudo. Todos são cobrados e treinam mais. E ainda há outras coisas boas. Um sempre torce pelo outro. Porque, se um marca, ganha o time inteiro.

Que balanço você faz de seu desempenho até aqui?

Ainda posso melhorar. Mas vestir a camisa do São Paulo, ser campeão mundial com um passe meu para o gol do título e ter jogado bem na Libertadores são fatores importantes. No Campeonato Brasileiro, é mais difícil. Qualquer coisinha, afinal, é motivo para os juízes darem falta. Adoro Libertadores por causa disso. A forma de jogar esse torneio se aproxima mais daquilo que eu fazia na Europa.

Dizem que o Danilo também canta música sertaneja com você e o Alex Dias. Quer dizer, o time tricampeão da Libertadores e do Mundial Interclubes tem um trio sertanejo?

Sim. O clima é maravilhoso. Aliás, não tenho o que falar desse grupo. É, sem dúvida, um dos melhores que já peguei. O Alex Dias, o Danilo e eu sempre cantamos quando sobra um tempinho. E em tudo que é lugar. Nosso repertório inclui Leonardo e Zezé, entre outros. Além da música sertaneja, gosto de forró, que é do nordeste.

José da Silva, o pai, e a dona Maria das Graças da Silva, a mãe, cobrassem, o garoto não conseguia pensar em outra coisa.

Com a morte do pai, vítima de enfarte, as dificuldades aumentaram. Aloísio viu-se obrigado a trabalhar. Começou aos 13 anos. Foi auxiliar de churrasqueiro, ajudante de pintor e cortador de cana. Virava-se como podia para incrementar o orçamento, sem, entretanto, jamais deixar a convicção de lado: tornar-se jogador profissional. E o sonho começou a concretizar-se aos 19 anos. Após ser demitido da usina de cana, foi leva-

do ao CRB por um amigo para fazer um teste. Passou na peneira. Não chegou, porém, a jogar nenhuma partida oficial.

Nessa época, recebeu o apelido Chulapa por causa do pé, tamanho 44. Em menos de um mês no time alagoano, viajou para o Rio de Janeiro, onde encarou uma avaliação no Flamengo. Foi aprovado e começou a jogar nas divisões de base.

A mudança de ares na adolescência foi inesperada e fundamental para o início de uma carreira de sucesso. "Cheguei desconfiado, com medo, mas pensando também no futuro, em tentar ajudar a família a sair daquela situação ruim." Na cidade grande, conheceu Leilane e, em menos de três meses, estava casado com ela.

AMIZADE COM O "BAIXINHO"

Aos 21 anos, Aloísio passou dos juniores para o time profissional. O craque Romário, recém-contratado pelo Rubro-negro, acompanhava alguns jogos preliminares e terminou persuadindo a comissão técnica a promover o jovem atacante. O Baixinho negociou pessoalmente um contrato com a diretoria para o parceiro. A partir dali, nasceu uma amizade muito forte. Aloísio não esconde a admiração pelo ex-companheiro de clube. "Para mim, nunca vai ter um cara igual", afirma.

Após um gesto de solidariedade, a relação entre eles ficou ainda mais intensa. Na preleção de um jogo na Venezuela, Romário percebeu que o companheiro estava triste e calado. Perguntou o que tinha e descobriu que a casa da mãe de Aloísio, em Atalaia, havia sido destruída por uma tempestade que castigou a cidade. Romário garantiu ao jovem que aquilo seria resolvido, convencendo-o de que o importante, naquele momento, era o jogo. Aloísio assimilou tão bem o conselho que marcou o gol da vitória do Flamengo. Pouco tempo depois, Romário auxiliou na reconstrução da casa de dona Maria das Graças.

EXPERIÊNCIA NA EUROPA

Por causa dessa demonstração de amizade, o atacante resolveu homenagear o amigo, batizando o segundo filho com o nome Aloísio Romário. O garoto nasceu quando o centroavante estava na França, na época do Paris Saint-Germain. A propósito, o objetivo de atuar na Europa foi alcançado em virtude de ótima passagem pelo Goiás. No Centro-Oeste, foi tricampeão estadual e artilheiro em alguns torneios.

Seu bom desempenho despertou o interesse do Saint-Étienne. Em pouco tempo, agradou à torcida. E também ao clube adversário PSG, que o contratou. Ao lado de Ronaldinho Gaúcho, Aloísio brilhou na agremiação parisiense. Chegou a anotar o gol do título da Copa Intertoto, em 2002. A passagem pelo Velho Continente, segundo ele, foi inesquecível. "Foi boa demais. Não queria nem saber do frio, da neve, de nada. Era um sonho que eu tinha."

Nos cinco anos em que permaneceu na França, realizou, aqui no Brasil, outro projeto relevante. Fundou sua instituição de caridade em Atalaia. Além disso, passou a oferecer melhor condição de vida à sua família. No auge da carreira, foi seduzido por uma proposta de um clube russo. "Foi a pior coisa da minha vida. Vi que dinheiro não é tudo. O arrependimento foi muito grande."

No Rubin Kazan, ficou por um ano e quatro meses, período de muito sofrimento. Uma das dificuldades era a baixa temperatura, que chegava a 25 graus negativos. Havia ainda outras barreiras, como a língua incompreensível e a pouca receptividade da população local. Aloísio decidiu quebrar o contrato e voltar. A decisão provocou uma enorme briga jurídica com o clube russo.

Passada a turbulência, foi contratado pelo Atlético-PR. Na Libertadores de 2005, apesar de perder na final para o São Paulo, destacou-se. Suas performances chamaram a atenção do Tricolor paulista, que, no fim do ano, fez-lhe uma proposta, inicialmente por empréstimo, para disputar o Campeonato Mundial de Clubes. Poder defender o time do coração era a realização de mais um sonho.

O momento mais importante de sua trajetória profissional, porém, aconteceria em breve. De acordo com ele, foi após o apito final da partida contra o Liverpool, no Japão. "Sempre vou lembrar. Não acreditava que estava sendo tricampeão mundial pelo clube que amo", revela.

Dessa forma, Aloísio entrou para a galeria de atletas campeões mundiais pelo Tricolor ao lado dos mesmos craques que o levaram a torcer pelo clube. "Olho para esses quadros com os três times campeões mundiais *(que estão no CCT da Barra Funda)* e penso que isso não vai se apagar nunca", diz, transparecendo emoção. "Isso é tudo para mim."

FUTEBOL É CULTURA

Você sabe onde é Kazan? A cidade que abriga a sede do clube (Rubin Kazan) que Aloísio defendeu por pouco mais de um ano é a capital da República do Tartaristão, integrada à atual Federação Russa, e situa-se na confluência dos rios Volga (Idel) e Kazanka (Qazansu), estendendo-se por cerca de 25 Km ao longo de uma área de colinas. Segundo o site da enciclopédia livre Wikipédia, é um grande centro cultural, comercial e industrial. A Universidade de Kazan é famosa pelo fato de ter, como ex-alunos, personalidades como Leon Tolstoi e Vladimir Lênin.

FONTE: WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE / FOTO REPRODUÇÃO

TUDO COMO MANDA A LEI
Extintores, hidrantes, dependências para deficientes físicos, luzes de segurança e portas corta-fogo: pontos que foram contemplados

Dentro das normas

O Estádio Cícero Pompeu de Toledo, depois de passar por minuciosa reforma, é o único da cidade que atende a todas as exigências de segurança

Por Carlos Mesquita

Após realizar vistoria em 28 de junho, o Contru, Departamento de Controle do Uso de Imóveis da capital, decidiu interditar o Estádio do Morumbi. O órgão alegou que o São Paulo não tinha concluído todas as obras exigidas pelo acordo fechado entre ambas as instituições no ano passado. Apesar de ter vindo à tona recentemente, o acontecimento fez parte de um processo que perdurava havia algum tempo. José Carlos Brandileone, vice-presidente de Patrimônio do Tricolor, explica que o pontapé inicial foi dado dez anos atrás, quando o clube elaborou um projeto de adaptação destinado às normas de segurança. Dividido em três etapas (aprovação, intimação e execução), ficou pronto em setembro de 1997. Por considerá-lo grande, complicado e custoso, no entanto, a diretoria decidiu que seria executado aos poucos. O prazo inicial (180 dias) encerrou-se em setembro de 1998, sendo prorrogado por período idêntico. "Isso ocorreu em razão do volume de obras e investimentos", esclarece Brandileone.

PRIMEIROS PASSOS

De acordo com ele, na primeira fase, ocorrida em 1998, foram realizadas adequações na estação de gás e nas fundações do estádio, além de ter sido concebido um setor específico para deficientes físicos. Na segunda, estendida até 2002, foi criado o serviço de sinalização de segurança e refeito o sistema de numeração. "Cadeiras de ferro foram instaladas no térreo e as baias de catraca, reformuladas para adequação das rotas de fuga", conta.

A terceira terminou em abril de 2005, momento em que o São Paulo, inspecionado pelo Contru, assinou um termo de ajuste e obrigações, responsabilizando-se pelos reparos já previstos. O clube, para tal, recebeu um prazo improrrogável de 300 dias. Segundo Brandileone, a agremiação tinha de elaborar um projeto de combate a incêndios considerando as normas técnicas do Corpo de Bombeiros, que também deveria emitir uma autorização para que fosse possível proceder às obras.

De maio a julho de 2005, o São Paulo encomendou um levantamento a uma empresa especializada, contratada mediante licitação. O objetivo era detectar o real estado das edificações existentes no estádio e na área social. De julho a agosto, planejou a instalação de corri-

FOTOS RUBENS CHIRI

mãos, hidrantes, alarmes, portas corta-fogo, extintores e rede de iluminação de emergência. O projeto ficou pronto em setembro de 2005. Mas faltava o Atestado de Vistoria do Corpo de Bombeiros (AVCB).

Mesmo sem ele, o clube iniciou as reformas estruturais em janeiro de 2006. "Apenas em junho passado, concederam a autorização", afirma Kalil Rocha Abdalla, diretor jurídico do São Paulo Futebol Clube. "O prazo deveria começar a ser contado a partir dali." Ao mesmo tempo em que tocava as obras, o Tricolor executava reparos de modernização e adequação às normas vigentes. Também fez pinturas de pisos externos, elevador, bilheterias e grades nas cores dos setores do estádio.

EM UMA SEMANA

Para conseguir a liberação do estádio, o São Paulo, a partir da data em que foi vistoriado por técnicos da prefeitura, concretizou o que faltava em pouco mais de uma semana. Terminou tudo em 7 de julho. Até porque, de acordo com o engenheiro Walter Follador Junior, gerente de Manutenção do SPFC, restava apenas 1% de trabalho a ser feito.

"Depois de tudo pronto, levamos os laudos para o Contru devidamente assinados pelos engenheiros responsáveis", diz Abdalla. "Eles verificaram que estava em ordem e compareceram pessoalmente, no dia seguinte, para dar uma checada", declara. "Estando tudo bem, expediram até o alvará de funcionamento."

Embora houvesse jogos marcados para o estádio, Brandileone e Abdalla garantem que o episódio não prejudicou a venda de ingressos, sobretudo para o confronto com o Estudiantes, pela Libertadores da América, em 19 de julho. Tanto é que as arquibancadas foram tomadas por aproximadamente 67 mil torcedores.

O Tricolor é atualmente o dono do único estádio na cidade de São Paulo que contempla todas as normas de segurança exigidas pelo Contru. Em virtude disso, existe outra expectativa no ar. Afinal, no dia em que o Morumbi foi desinterditado, a mídia divulgou informação dizendo que a Fifa deseja ver o Brasil como a sede da Copa do Mundo de 2014. "Essa movimentação ajudou para começarmos os preparativos para o mundial de futebol, se é que ele será realizado aqui", disse, bem-humorado e otimista, Abdalla.

FOTOS RUBENS CHIRI

11° jogo

SÃO PAULO 2 X 1 GRÊMIO

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Lugano e Alex (Leandro); Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior (Lúcio); Ricardo Oliveira e Thiago (Ramalho) **Técnico:** Muricy Ramalho

GRÊMIO Galatto; Patrício, Maidana, Willian e Wellington (Valdeir); Nunes, Sandro Goiano, Tcheco, Ramón (Rômulo) e Rafinha (Jeovânio); Herrera **Técnico:** Mano Menezes

Gols: Alex (contra) aos 8min e Ricardo Oliveira aos 18min do primeiro tempo; Ricardo Oliveira aos 10min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Lugano, Alex Silva e Leandro; Nunes, Maidana e Ramón **Cartões vermelhos:** Alex Silva; Nunes e Mano Menezes **Data:** 12/07 **Juiz:** Alvaro Azeredo Quelhas **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

12° JOGO

SÃO PAULO 2 X 1 FIGUEIRENSE

SÃO PAULO Rogério Ceni; André Dias, Lugano e Edcarlos; Souza (Leandro), Mineiro, Josué, Danilo (Ilsinho) e Lúcio; Thiago (Alex Dias) e Ricardo Oliveira **Técnico:** Muricy Ramalho

FIGUEIRENSE Andrey; Flávio, Chicão, Tiago Prado e Fininho; Henrique, Carlos Alberto, Cícero e Marquinhos Paraná; Schwenck e Soares **Técnico:** Waldemar Lemos

Gols: Ricardo Oliveira aos 2min do primeiro tempo; Thiago Prado aos 14min, André Dias aos 46min do segundo tempo **Cartões amarelos:** André Dias; Soares, Chicão e Flávio **Data:** 15/07 **Juiz:** Heber Roberto Lopes **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

13° JOGO

PONTE PRETA 1 X 3 SÃO PAULO

PONTE PRETA Jean; Thiago Matias, Preto, Luís Carlos (Mossoró); Caio (Pará), Carlinhos, Almir, Émerson (Dinísio), Iran; Luís Mário e Tuto **Técnico:** Marco Aurélio

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Alex e Edcarlos; Ilsinho, Ramalho, Richarlyson, Lenílson e Lúcio; Alex Dias (Lima) e Thiago **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Tuto aos 12min e Lenílson aos 41min do primeiro tempo; Alex Silva aos 7min e Lenílson aos 27min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Luís Carlos; Edcarlos **Data:** 23/07 **Juiz:** Wagner Tardelli Azevedo **Local:** Estádio Móises Lucarelli, Campinas (SP)

14° JOGO

SÃO PAULO 0 X 4 SANTOS

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Alex e Edcarlos; Ilsinho, Ramalho, Richarlyson, Lenílson e Lúcio; Alex Dias e Thiago (Lima) **Técnico:** Muricy Ramalho

SANTOS Fábio Costa; Manzur, Luiz Alberto e Ronaldo Guiaro; Denis, Maldonado, Rodrigo Tabata (Rodrigo Tiuí), Wendel e Kléber (Heleno); Reinaldo e Fabiano (André) **Técnico:** Wanderley Luxemburgo

Gols: Fabiano aos 40min e aos 43min do primeiro tempo; Denis aos 9min e Rodrigo Tiuí aos 27min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Richarlyson e Alex Silva; Kléber **Cartão vermelho:** Alex **Data:** 30/07 **Juiz:** Leonardo Gaciba da Silva **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

15° JOGO

BOTAFOGO 1 X 1 SÃO PAULO

BOTAFOGO Lopes; Juninho, Scheidt e Rafael Marques; Ruy, Diguinho, Capixaba (Sérgio Manoel), Joílson (Thiago) e Júnior César; Felipe Adão (Marcelinho) e Reinaldo **Técnico:** Cuca

SÃO PAULO Bosco; Edcarlos, Carlinhos e Alex Silva; Ilsinho, Ramalho, Richarlyson, Lenílson (Rodrigo Fabri) e Lúcio; Alex Dias (Tadeu) e Thiago (Denílson) **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Felipe Adão aos 8min do primeiro tempo; Thiago aos 6min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Marcelinho e Júnior César; Ramalho, Lenílson e Richarlyson **Data:** 06/08 **Juiz:** Carlos Eugênio Simon **Local:** Estádio Raulino de Oliveira (Cidadania), Volta Redonda (RJ)

16° JOGO

SÃO PAULO 2 X 1 GOIÁS

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Edcarlos e Carlinhos; Reasco, Josué, Richarlyson, Lenílson e Lúcio; Alex Dias (Lima) e Thiago (Rodrigo Fabri) **Técnico:** Muricy Ramalho

GOIÁS Harlei (Rodrigo Calaça); Júlio Santos (Aldo), Rogério Corrêa e Leonardo; Vítor, Cléber, Hugo Leonardo, Romerito e Jadílson; Welliton e Nonato (Johnson) **Técnico:** Antônio Lopes

Gols: Lenílson aos 18min do primeiro tempo e aos 28min do segundo tempo; Johnson aos 45min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Richarlyson, Lenílson e Josué; Hugo Leonardo, Alex Silva e Cléber **Data:** 13/08 **Juiz:** Luis Antônio Silva Santos **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

17º JOGO

CRUZEIRO 2 X 2 SÃO PAULO

CRUZEIRO Fábio; Edu Dracena, Luizão e Gladstone (Júlio César); Michel, Élson, Sandro, Wagner e Francismar; Alecsandro (Élber) e Geovanni (Kerlon) **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Alex Silva e Edcarlos; Souza (Thiago), Mineiro, Josué, Danilo e Lúcio; Leandro (Ilsinho) e Aloísio (Alex Dias) **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Alex Silva (contra) aos 7min, Michel aos 35min e Rogério Ceni aos 42min do primeiro tempo; Rogério Ceni aos 15min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Michel e Kerlon; Mineiro, Edcarlos e Leandro **Data:** 20/08 **Juiz:** Leonardo Gaciba da Silva **Local:** Mineirão, Belo Horizonte (MG)

FABÃO
Com a saída de Lugano, tem ocupado o espaço deixado pelo uruguaio

18º JOGO

SÃO PAULO 3 X 2 PARANÁ

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Fabão e Richarlyson; Souza (Thiago), Josué, Mineiro (Ramalho), Danilo (Lenílson) e Júnior; Leandro e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

PARANÁ Flávio; Émerson, Edmílson e Gustavo; Ângelo, Pierre, Beto, Batista (Jefferson), Maicosuel (Sandro) e Edinho; Leonardo (Joélson) **Técnico:** Caio Júnior

Gols: Beto aos 5min, Aloísio aos 7min e Leonardo aos 22min do primeiro tempo; Leandro aos 22min e Alex Silva aos 31min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Aloísio; Beto, Emerson e Pierre **Cartão vermelho:** Beto **Data:** 24/08 **Juiz:** Clever Assunção Gonçalves **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

19º JOGO

FLAMENGO 1 X 1 SÃO PAULO

FLAMENGO Diego; Marcelinho, Ronaldo Angelim, Renato Silva (Walter Minhoca) e Juan; Paulinho, Léo Medeiros (Rodrigo Arroz), Renato Augusto e Renato; Sávio (Peralta) e Obina **Técnico:** Ney Franco

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Fabão e Edcarlos; Souza (Thiago), Josué, Mineiro, Danilo (Lenílson) e Richarlyson; Leandro e Aloísio (Alex Dias) **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Juan aos 33min do primeiro tempo; Lenílson aos 21min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Léo Medeiros, Diego e Juan; Rogério Ceni, Edcarlos e Aloísio **Data:** 27/08 **Juiz:** Carlos Eugênio Simon **Local:** Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)

20º JOGO

SÃO PAULO 1 X 1 FORTALEZA

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Fabão e Edcarlos; Leandro (Souza), Josué, Mineiro, Danilo, Lenílson e Richarlyson (Thiago); Aloísio (Alex Dias) **Técnico:** Muricy Ramalho

FORTALEZA Albérico; André Cunha, Glauber, Dezinho e Bruno Barros (Jorge Mutt); Dude, Ramalho, Wendell e Mazinho Lima; Osmar (Rinaldo) e Finazzi **Técnico:** Hélio dos Anjos

Gols: Rinaldo aos 41min e Lenílson aos 43min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Richarlyson, Josué, Leandro, Edcarlos e Souza; Dezinho, Bruno Barros, Mazinho Lima, Ramalho e Jorge Mutt **Data:** 31/08 **Juiz:** Washington José Alves de Souza **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

21º JOGO

SANTA CRUZ 1 X 3 SÃO PAULO

SANTA CRUZ Guto; Márcio Alemão, Váldson e Sidraílson (Zada); Osmar, Júnior Maranhão, Augusto Recife, Washington (Fabrício Ceará) e Cássio; Nenê e Jorge Henrique (Edson Di) **Técnico:** Maurício Simões

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Fabão e Edcarlos; Souza (Ilsinho), Richarlyson, Josué (Ramalho), Lenílson e Lúcio; Aloísio (Alex Dias) e Thiago **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Rogério Ceni aos 25min do primeiro tempo; Jorge Henrique aos 5min e Thiago aos 34min e aos 39min do segundo tempo **Cartões Amarelos:** Sidraílson, Márcio Alemão e Váldson; Alex Silva, Aloísio, Richarlyson e Josué **Data:** 04/09 **Juiz:** Wagner Tardelli Azevedo **Local:** Estádio do Arruda, Recife (PE)

10º JOGO

SÃO PAULO 1 X 0 ESTUDIANTES

SÃO PAULO (4) X (3) ESTUDIANTES

SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Alex e Edcarlos; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Ricardo Oliveira e Leandro (Thiago) **Técnico:** Muricy Ramalho

ESTUDIANTES Herrera; Alvarez, Alayes, Ortis e Angeleri; Galván (Domingues), Huerta (Cardozo), Braña e Sosa (Carrusca); Lugüercio e Calderón **Técnico:** Diego Simeone

Gols: Edcarlos aos 44 minutos do primeiro tempo **Pênaltis:** Ricardo Oliveira, Rogério Ceni, Fabão e Júnior; Calderón, Domingues e Lugüercio **Cartões amarelos:** Júnior; Calderón, Angeleri, Braña e Domingues **Data:** 19/07 **Juiz:** Carlos Chandía (CHI) **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

11º JOGO

CHIVAS 0 X 1 SÃO PAULO

CHIVAS Sánchez; Javier Rodríguez, Reynoso e Magallón; Esparza, Morales (Medina), Pineda (Ávila), Araújo e Juan Rodriguez (Santana); Bautista e Omar Bravo **Técnico:** Manuel de La Torre

SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Lugano e Edcarlos; Souza, Mineiro, Josué, Danilo (Richarlyson) e Júnior; Ricardo Oliveira (Aloísio) e Leandro (Lenílson) **Técnico:** Muricy Ramalho

Gol: Rogério Ceni aos 39min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Javier Rodríguez; Leandro, Ricardo Oliveira e Lugano **Data:** 26/07 **Juiz:** Jorge Larrionda (URU) **Local:** Estádio Jalisco, Guadalajara (MEX)

12º JOGO

SÃO PAULO 3 X 0 CHIVAS

SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Lugano e Edcarlos; Souza, Mineiro, Josué, Danilo (Lenílson) e Júnior (Richarlyson); Leandro e Ricardo Oliveira (Aloísio) **Técnico:** Muricy Ramalho

CHIVAS Sánchez; Javier Rodríguez, Reynoso e Magallón; Martínez, Ramón Morales (Medina), Araujo, Santana (Patlán) e Juan Rodríguez; Bravo e Bautista **Técnico:** Manuel de la Torre

Gols: Leandro aos 33min e Mineiro aos 40min do primeiro tempo; Ricardo Oliveira aos 3min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Souza; Araújo, Omar Bravo, Magallón, Santana, Rodríguez e Bautista **Cartão vermelho:** Reynoso **Data:** 02/08 **Juiz:** Daniel Giménez (ARG) **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

13º JOGO

SÃO PAULO 1 X 2 INTERNACIONAL

SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Lugano e Edcarlos (Aloísio); Souza, Mineiro, Josué, Danilo (Lenílson) e Júnior; Leandro (Richarlyson) e Ricardo Oliveira **Técnico:** Muricy Ramalho

INTERNACIONAL Clemer; Ceará (Wellington Monteiro), Fabiano Eller, Bolívar e Jorge Wagner; Edinho, Fabinho, Tinga, Alex (Índio); Rafael Sobis (Michel) e Fernandão **Técnico:** Abel Braga

Gols: Rafael Sobis aos 8min e aos 16min e Edcarlos aos 30min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Souza e Fabão **Cartões vermelhos:** Josué; Fabinho **Data:** 09/08 **Juiz:** Jorge Larrionda (URU) **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

14º JOGO

INTERNACIONAL 2 X 2 SÃO PAULO

INTERNACIONAL Clemer; Índio, Fabiano Eller e Bolívar; Ceará, Edinho, Tinga, Alex (Michel) e Jorge Wagner; Fernandão e Rafael Sobis (Ediglê) **Técnico:** Abel Braga

SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Lugano e Edcarlos (Alex Dias); Souza, Mineiro, Richarlyson (Thiago), Danilo (Lenílson) e Júnior; Leandro e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Fernandão aos 29min do primeiro tempo; Fabão aos 6min, Tinga aos 20min e Lenílson aos 40min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Fernandão, Jorge Wagner, Tinga, Bolívar, Alex e Edinho; Aloísio **Cartão vermelho:** Tinga **Data:** 17/08 **Juiz:** Horacio Elizondo (ARG) **Local:** Estádio Beira-Rio, Porto Alegre (RS)

Crônica

O tempo **passa**

Na realidade, o título apresentado faz lembrar Fiori Gigliotti, o locutor de expressões poéticas do futebol paulista. Ao mencionar o tempo decorrido da partida, ficou conhecida sua frase *"O tempo passa"* ou, ao dar início à sua tarde esportiva, *"Abrem-se as cortinas do Estádio do Pacaembu, o céu é anil e o gramado é verde"*. Para ele, também era verde a esperança de ver as cores de seu clube vencer a partida. Ainda que esse saudoso locutor mereça todo um artigo a seu respeito, pois, apesar de suas preferências, sabia respeitar os adversários de seu time, nunca se referindo de modo deselegante ou descortês, quero somente usar a lembrança de sua referência ao tempo que passa.

Aproximadamente um ano atrás, no mês de julho, que denominei histórico, o São Paulo Futebol Clube vivia momentos de glória e felicidade. Ganhava naquele instante a Copa Toyota Libertadores e inaugurava o Centro de Formação de Atletas em Cotia. E eu escrevia em uma crônica a respeito:

"Outros meses virão, mas este, decerto, por tudo isso, importante e diferente, deve ficar na mente dos aficionados pelo São Paulo Futebol Clube como um desafio para que essas conquistas, tanto no campo esportivo quanto no patrimonial, tenham continuidade. O tempo caminha, outras batalhas terão de ser enfrentadas, mas este julho que passou em histórico se transformou".

Em outra oportunidade, depois da final da Copa Toyota no Japão, disse o seguinte:

"O tempo passou, os festejos terminaram, a alegria diminuiu, a vida retornou à sua rotina normal e a grande vitória que trouxe a conquista da Copa Toyota começa a ser passado, mas um passado glorioso, inspirador de um futuro que deve ser vitorioso".

Este futuro chegou com a esperança e a ansiedade de todos e encontrou um novo julho com outras características e outros momentos. Foi um julho de Copa do Mundo com as atenções de todos os esportistas voltadas para o torneio que deveria trazer, pela sexta vez, o título de campeão do mundo para o Brasil, que é cantado pelo povo que se lembra de ser patriota de quatro em quatro anos nos meses de julho, quando o torneio mundial de seleções é jogado. É um Brasil de chuteiras disputando uma bola. Bola que, nos estádios, mostrou uma Copa em que os Ronaldos que se enfrentam nos campos da Espanha são companheiros na Alemanha, enquanto Raul e Zidane, parceiros em Madrid, são capitães de selecionados adversários. Uma Copa do Mundo quase só jogada por atletas de times europeus. Na seleção brasileira, dos 23 jogadores que compuseram o plantel, só três atuavam aqui. Melhor dizendo, no futebol paulista. Dois atletas do São Paulo Futebol Clube, o Rogério Ceni e o Mineiro, e um outro que pelo Tricolor passou e nem sequer saudades deixou. Esse fato representa o produto da globalização ou da diferença das economias entre a América do Sul e a Europa.

Três foram também os brasileiros que atuaram por outras seleções. Essa mescla de nacionalidades, descaracterizando as divergências culturais, produziu um ambiente amistoso, no qual os jogadores se abraçavam, conversavam e riam antes das partidas sem se darem conta de que, naquele momento, estavam levando consigo a emoção de todo um país. Foi assim que a seleção brasileira entrou em campo para enfrentar a francesa. E foi assim, possivelmente, que teve a sensação de estar em um jogo-treino entre jogadores do Lyon e do Real Madrid, com algumas inclusões. Afinal, futebol se pratica com 11 de cada lado.

O resultado foi não somente a falta do futebol, mas, acima de tudo, a falta de vontade, garra e disposição de ganhar. Faltou motivação, como a demonstrada pelo São Paulo Futebol Clube nas finais dos campeonatos do mundo que disputou e ganhou. Em 2005, foi um sufoco, mas o São Paulo Futebol Clube agüentou, superou e venceu. No jogo contra a França, o Brasil não levou sufoco, levou um passeio. E perdeu. O triste foi que não lutou. Procurar os culpados leva a nada. Como já foi dito, a culpa não foi de ninguém. Foi da bola. Não adianta individualizar erros. Melhor mesmo é globalizá-los: o erro foi de todos.

A Copa do Mundo de 2006 já é passado para o Brasil. O tempo passou, e lições devem ser aprendidas. Esse é o refrão que deve ser levantado. No futebol, como em qualquer competição, ainda que a lisura deva predominar, os adversários nunca são amigos quando se corre atrás da bola. Não houve festejos nem sequer alegria. Os rojões choravam um desperdício não esperado. A tristeza vai se dissipando. E é preciso começar de novo. Outras batalhas virão e faz-se necessário esquecer, em termos de seleção nacional, esse julho que acabou de passar.

Affonso Renato Meira é membro nato do Conselho Consultivo e ex-presidente do Conselho Deliberativo

Na voz de Paulo Planet

São Paulo é futebol, talentos e promessas

O nosso São Paulo Futebol Clube, como o próprio nome indica, é um clube de futebol. Ainda que possua uma área social e um número considerável de sócios - que chega, na sua totalidade, a uns dez mil -, continua sendo o que sempre foi, desde os seus primórdios, insisto: um clube de futebol. Que, portanto, vive em função de seu futebol, tem sua expressão baseada no futebol e assim será para todo o sempre. Pois foi o futebol que, enfim, nos colocou entre os grandes clubes do mundo.

O futebol, por sua vez, baseia-se, antes de tudo, em duas vertentes: a busca de talentos e a conquista deles - quando, digamos, mais ou menos identificados. Ou nós os criamos nas nossas divisões de base ou temos a obrigação de detectá-los e requisitá-los, quando sabendo encontrá-los, tarefa que não é fácil, verdadeira qualidade de uns poucos, como era o caso do Paeta, nos tempos em que ainda existia o Clube Atlético Ipiranga, de saudosa memória para quem é daquele período do futebol paulista.

Tal como a maioria dos demais clubes brasileiros, o nosso São Paulo é uma agremiação que depende, fundamentalmente, do que esteja jogando e dos títulos que esteja conquistando. Sem isso, sem um bom futebol e sem a conquista de novos adeptos, o clube, seja qual for a sua expressão, tende a desaparecer, como já ocorreu com muitos. Logo, devemos continuadamente pensar em nosso futebol, no nosso time, titulares e reservas, como estamos fazendo no momento. Sem isso, sempre correremos o risco de voltar a desaparecer, como já aconteceu no passado, o que, realmente, ninguém deseja. Nem mesmo pensa.

Sendo assim, o certo é raciocinar, pensar e agir, tendo sempre em vista o futebol das divisões de base até o time principal. Para que tenhamos a dimensão exata do que seja o nosso São Paulo Futebol Clube!

Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes

Movimentação no Morumbi

Visando à conquista do Campeonato Brasileiro, o São Paulo Futebol Clube contratou jogadores, afora negociar o empréstimo e a venda de atletas do plantel. Ilsinho, cujo contrato encerrou-se com o Palmeiras, chegou em 30 de junho e já estreou com a camisa são-paulina. Reasco, da seleção do Equador, foi apresentado em 3 de agosto. O experiente lateral-direito, que teve um pequeno problema físico e ficará fora por algum tempo, é mais um importante nome para a equipe, pois joga também pela esquerda, como fez na Copa do Mundo da Alemanha. Ainda foi contratado o zagueiro Miranda, de apenas 22 anos, que estava no Sochaux, da França. Além dele, o clube promoveu ao profissional Carlinhos.

O lateral-esquerdo Fábio Santos foi emprestado ao Kashima Antlers, time japonês que está sob o comando de Paulo Autuori. Ele deve ficar no exterior até o fim do ano, assim como o meio-campista Da Silva, conhecido pelo apelido de Chumbinho. O defensor Flávio Donizete está defendendo a Portuguesa na série B do Brasileiro e permanece no Canindé até 31 de dezembro. O volante Alê foi cedido ao Botafogo do Rio de Janeiro - agremiação para a qual foi também o atacante Lima - e retorna ao Tricolor em janeiro de 2007. Renan, por sua vez, está no Juventude, de Caxias do Sul.

Ainda deixou o plantel o atacante Ricardo Oliveira, cujos direitos federativos pertencem ao Betis, da Espanha. Ele recuperou-se no Reffis de cirurgia no joelho entre o fim do ano passado e o começo deste, permanecendo no Tricolor durante o primeiro semestre de 2006. Seu contrato encerrou-se em 10 de agosto.

RAIO X DOS CONTRATADOS

Neicer **REASCO**
Nascimento: 23/07/1977
Local: Esmeralda (EQUADOR)
Posição: lateral-direito
Altura: 1,70m
Peso: 76 kg
Ex-clubes: 3 de Júlio (EQU), Liga Deportiva Universitária (EQU), Newell's Old Boys (ARG) e Liga Deportiva Universitária (EQU)

(ILSINHO) Ilson Pereira Dias Júnior
Nascimento: 12/10/1985
Local: São Bernardo do Campo (SP)
Posição: lateral-direito
Altura: 1,78m
Peso: 81 kg
Ex-clube: SE Palmeiras

João **MIRANDA**
Nascimento: 07/09/1984
Local: Paranavaí (PR)
Posição: zagueiro
Altura: 1,85m
Peso: 78 kg
Ex-clubes: Coritiba (2004/05) e Sochaux-FRA (2005/06)

ADEUS A UM ÍDOLO

Ele foi trazido do Uruguai ao Morumbi pelo ex-presidente Marcelo Portugal Gouvêa em março de 2003. Depois de algum tempo de adaptação, mostrou que não era apenas mais um no elenco são-paulino. Aos poucos, Diego Lugano *(à dir.)* foi convencendo torcedores e imprensa com seu futebol repleto de força e raça, característico de atletas de seu país.

Durante sua passagem pelo São Paulo, trabalhou com os treinadores Oswaldo de Oliveira, Rojas, Cuca, Emerson Leão, com quem se tornou titular absoluto; Paulo Autuori e Muricy Ramalho. Já desfrutando a condição de ídolo da nação tricolor, deu preciosa contribuição na conquista do Paulista, da Libertadores e do Mundial Interclubes no ano passado. Deixou, assim, seu nome cravado na história dos grandes vencedores do clube.

Suas últimas partidas envergando o manto são-paulino foram as finais da Libertadores de 2006. Embora o São Paulo não tenha se sagrado tetracampeão, lutou bravamente até os últimos minutos. E, entre os guerreiros, estava Lugano, que brigou pelo título em todos os lances. Um dia depois da decisão do certame continental, o uruguaio despediu-se da torcida. Foi vendido por US$ 7,5 milhões ao Fenerbahçe, da Turquia, time no qual encontrou Zico como técnico, afora os brasileiros Alex e Fábio Luciano, entre outros.

FOTOS RUBENS CHIRI

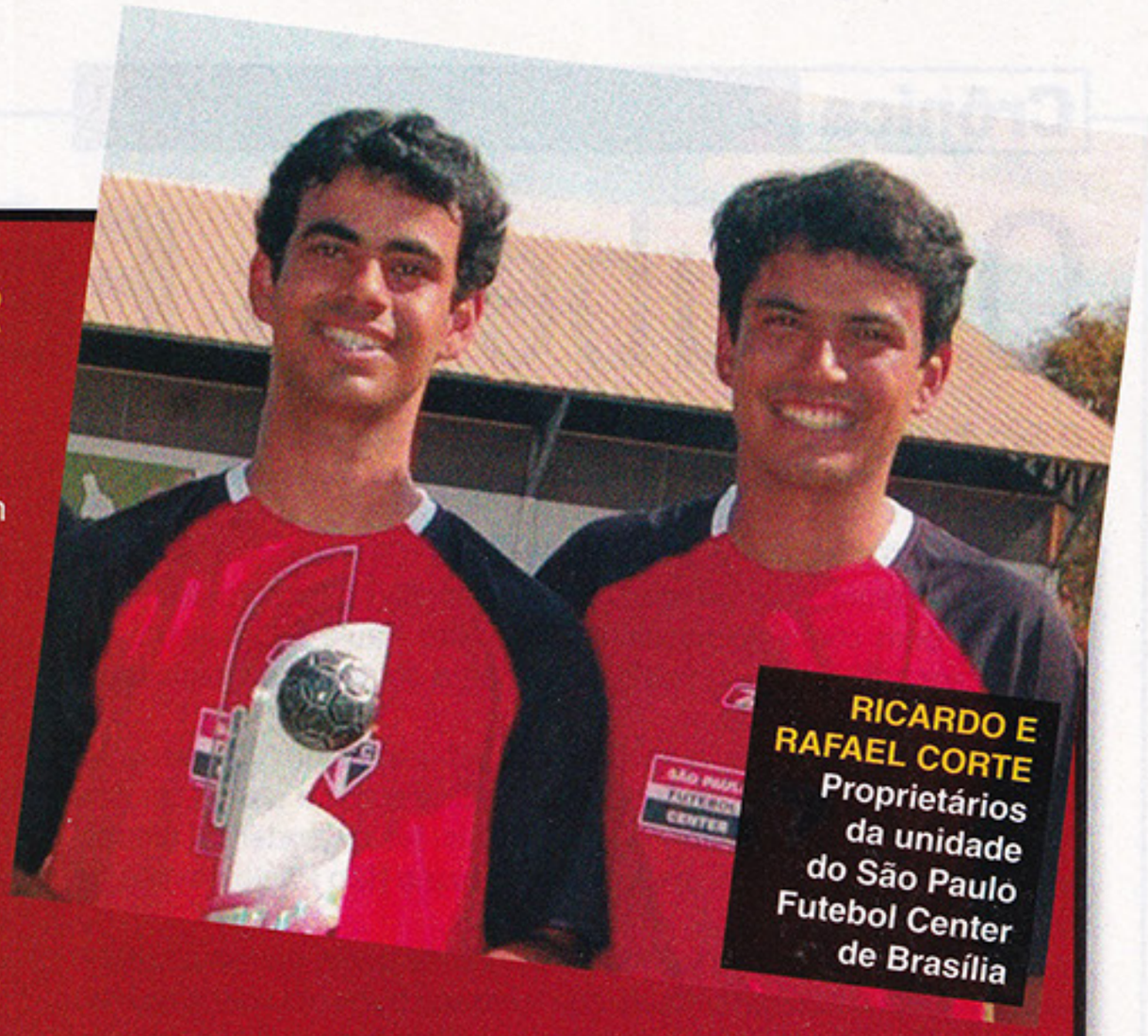
PRÊMIO PARA ROGÉRIO CENI

Em 24 de agosto, antes da partida entre São Paulo e Paraná, pelo Campeonato Brasileiro, Rogério Ceni recebeu da LG uma televisão por ter se tornado, no jogo contra o Cruzeiro, realizado quatro dias antes, o goleiro com maior número de gols da história do futebol mundial, 64 tentos. No gramado do Estádio do Morumbi, Eduardo Toni, diretor de Marketing da empresa que patrocina o time, entregou o prêmio ao arqueiro em reconhecimento ao grande feito do camisa 1 são-paulino.

V COPA SÃO PAULO FUTEBOL CENTER

Entre os dias 18 e 28 de julho, foi realizada a V Copa São Paulo Futebol Center, evento que reúne anualmente os alunos das escolas de futebol licenciadas do São Paulo Futebol Clube. Neste ano, a cidade-sede foi Brasília e, além da disputa esportiva, os garotos fizeram passeios culturais pela capital federal e conheceram um pouco da história do País. Os times campeões foram os seguintes:

Categoria Sub-11
Campeã: Unidade Ribeirão Preto
Categoria Sub-12
Campeã: Unidade Curitiba
Categoria Sub-13
Campeã: Unidade Ribeirão Preto
Categoria Sub-15
Campeã: Unidade Osasco



RICARDO E RAFAEL CORTE
Proprietários da unidade do São Paulo Futebol Center de Brasília

Sub-11

Sub-12

Sub-13

Sub-15

FOTOS DIVULGAÇÃO

VISTA PANORÂMICA
Tricolores curtiram passeio de helicóptero

HOMENAGEM INUSITADA

No fim da tarde de 27 de julho, Juvenal Juvêncio, presidente tricolor; João Paulo de Jesus Lopes, diretor de Futebol; Antônio Donizeti Gonçalves, diretor de Esportes Amadores; e o goleiro Rogério Ceni foram do Aeroporto de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo, ao Estádio do Morumbi, localizado na zona Sul, de helicóptero com o símbolo são-paulino. A homenagem feita ao clube foi prestada por um torcedor que é dono de uma empresa de aeronaves.

Crônica

O Clube da **Fé**

O São Paulo foi chamado de "Clube da Fé", pela primeira vez, em 1937 pelo jornalista Thomaz Mazzoni

O slogan "Clube da Fé" foi uma criação de "Olimpicus", o jornalista Thomaz Mazzoni, que, no episódio da extinção do São Paulo FC da Floresta, bem como no nascimento do São Paulo FC, mostrou-se sempre ser crítico ferrenho pelo fechamento do antigo e incentivador constante do novo clube.

É oportuno lembrar que o SPFC foi reerguido por pessoas denominadas na época de "pobretões". Eles sofriam porque muitos diziam que estavam sonhando alto demais. No entender de alguns, não conseguiriam reunir condições de elevar o São Paulo ao mesmo nível do anterior.

O time realmente tinha jogadores de grande porte, que valorizavam sua participação nos certames de que tomavam parte pelo desempenho aguerrido. Essa forma de atuar nesses primeiros tempos é que ensejou o surgimento da legenda "Clube da Fé". Do citado jornalista, destaco um artigo, publicado na *Gazeta* do dia 21 de julho de 1937, cujos principais trechos a ***Revista Oficial*** publica ao lado:

"Recentemente, surgiu o São Paulo FC Júnior com as mesmas pretensões do antigo. Se o novo São Paulo veio ao mundo da bola sem os haveres, fama e prestígio dos seus antepassados, trouxe a maior das riquezas: a fé no seu destino, o amor ao seu hoje. Somente a fé poderia levar o atual Tricolor a nascer como um clube varzeano qualquer e tornar-se logo uma agremiação no caminho reto do progresso do futebol superior. O Clube da Fé, como merece ser chamado o atual São Paulo FC, está se encarregando de".

Nenhuma outra legenda poderia apresentar tão fielmente a trajetória do São Paulo como "Clube da Fé". Tudo foi feito no peito e na coragem. Canindé, Esquadrão de Aço, Morumbi, superplantéis, parque social... Foi por meio da fé que o clube dos pobretões tornou-se, hoje, decantado mundialmente, em todos os setores. Em prosa, verso e glórias.

Agnelo Di Lorenzo é guardião oficial do Arquivo Histórico do SPFC e um dos seus principais historiadores. É funcionário do clube desde 1950

FOTOS RUBENS CHIRI

FUTURO INTERROMPIDO

Na madrugada de 11 de agosto, um acidente na rodovia Régis Bittencourt (BR-116), entre os municípios de Itapecerica da Serra e São Lourenço da Serra, tirou a vida de Weverson Eron Maldonado Saffiotti (19), quarto goleiro do Tricolor paulista, e Natália Lani Sena Manfrim (19), jogadora de vôlei do Finasa/Osasco. No veículo, guiado por Bruno Landgraf das Neves (20), outro arqueiro do São Paulo Futebol Clube, estavam Paula Carbonari Gomes do Monte (18) e Clarisse Benício Peixoto (19), atletas da equipe de vôlei de Osasco.

Weverson Saffiotti, que começou carreira no time Pequeninos do Jóquei e passou pela Portuguesa antes de aportar no Morumbi, em 2003, foi enterrado no cemitério Congonhas, na zona Sul, às 4h30 da tarde do dia em que ocorreu a fatalidade. Apontado como sucessor de Rogério Ceni, foi promovido ao profissional este ano e, inspirando-se no ídolo, treinava cobranças de falta. Juvenal Juvêncio, presidente do clube, cancelou os treinos e decretou três dias de luto oficial. Elenco e comissão técnica foram liberados para acompanhar o funeral.

Natália Manfrim foi sepultada na manhã de 12 de agosto no Cemitério São Caetano, na região do Grande ABC, e Bruno Landgraf, que chegou ao Hospital São Luiz com trauma pulmonar, além de dificuldade de movimentação nos membros inferiores por causa de complexa luxação na coluna cervical, foi submetido a cirurgia. Um dos boletins médicos divulgados informou que "o procedimento durou cerca de oito horas e correu dentro do esperado". Apesar de seguir internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), o goleiro, reserva direto de Bosco e Rogério Ceni, parou de ser sedado e seu estado de saúde é estável.

Clarisse Peixoto, vítima de traumatismo craniano, e Paula Carbonari, que teve ferimentos leves, deixaram o Hospital Edmundo Vasconcelos, localizado no Ibirapuera, zona Sul, e se recuperam em casa.

Visita da China

O São Paulo FC recebeu, em julho, a visita da delegação do São Paulo Liaoning FC. A presidente Duan Yun A e os dirigentes chineses foram recepcionados por Juvenal Juvêncio, presidente do SPFC, e Carlos Alberto de Mello Caboclo, diretor de Relações Internacionais do Tricolor. Na ocasião, a delegação assistiu à partida entre São Paulo e Independiente, da Argentina, válida pela Libertadores da América, no Estádio do Morumbi.

TROCA DE INFORMAÇÕES
Duan Yun A, Juvenal Juvêncio e Carlos Caboclo

DIVULGAÇÃO

Notícias

Estádio contempla deficientes físicos

A Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Especial da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida, realizou vistoria no setor para Deficientes Físicos do Morumbi. Ficou concluído que o Tricolor tem um dos poucos estádios do Brasil que possuem uma área exclusiva para deficientes físicos.

Localizado no setor da cadeira térrea vermelha, com entrada pelo portão 17, o espaço tem 470 metros quadrados e disponibiliza 89 lugares para cadeiras de rodas e 72 para acompanhantes. Também há um guichê para compra de ingressos, banheiros masculino e feminino, telefones públicos e bebedouros adaptados.

Durante a inspeção do órgão público, foram observados todos os itens de acessibilidade. O laudo concluiu que o estádio atende às necessidades das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.

FALECIMENTOS

Agenor da Silva - Ex-atleta do SPFC falecido em 11 de agosto

Ferrari - Massagista do SPFC nas décadas de 1970 e 1980 falecido em 8 de agosto

Crônica

Turma da **Sela**

Em minha primeira reunião neste ano como presidente do Conselho Deliberativo, mencionei nosso conselheiro vitalício Piragibe Nogueira, hoje com 101 anos. Em abril de 1989, numa entrevista realizada pela revista *São Paulo Notícias* publicada na época, ele não só contou a história de formação do Tricolor paulista como mencionou sentimentos que devem ser resgatados ainda hoje.

Na ocasião, Piragibe falou que "o São Paulo, depois de uma acomodação, deveria penetrar no coração de sua torcida nascente". Com essa intenção, o clube desenvolveu o atletismo, no qual foi campeão por diversos anos nas mais diferentes modalidades.

Na década de 1940, os são-paulinos conseguiram desenvolver suas escolinhas para novos talentos e contratar jogadores de projeção. O desafio, então, era conquistar o coração do amante do futebol em todo o território nacional. O futebol já era a principal atividade do clube.

Numa fase de grandes disputas, o que o distinguia dos demais era o seu grupo de planejadores que se denominava a Turma da Sela, "que pensava grande e projetava sempre a instituição para o futuro". Tendo como maior ideal a consolidação que viria com a construção do Estádio do Morumbi, o São Paulo continuou crescendo sem parar.

Ainda na entrevista, Piragibe ressalta que, em 1942, o Tricolor foi vice-campeão por fatores "extracampo", mas, em 1943, foi campeão e partiu para uma estratégia de conquistar adeptos na capital e no interior. Com esforço incomum, foi bicampeão em 1945/46 e 1948/49. Naquele planejamento, era perseguida a consolidação do São Paulo como um clube de primeira grandeza que se consagraria com a construção do Estádio do Morumbi.

Num período de dez anos até a inauguração parcial do estádio em 1960, o São Paulo tornou-se campeão nos anos de 1953 e 1957. Por volta de 1942 ou 1943, Cícero Pompeu de Toledo atuava no clube. No ano de 1947, chegou Manoel Raymundo Paes de Almeida. Ele acumulou diversas atribuições.

Piragibe ainda lembra que, "por volta de 1952 ou 1953, apareceu um diretor de finanças chamado Laudo Natel". Com isso, foi completado o trio que sintetiza o esforço gigante de todos para a edificação do São Paulo no Morumbi. Era o lema da Turma da Sela que estava se materializando. Ou seja, "fazer o difícil na hora e o impossível um pouco depois".

Esse espírito da Turma da Sela ainda precisa permanecer, tornando-se uma "doutrina" para o são-paulino. Sem nos esquecer da grande epopéia que envolveu cada tricolor na busca de uma construção que é hoje o São Paulo Futebol Clube.

Como costumo falar, a nossa filosofia deve ser sempre "sãopaulocêntrica". Quer dizer, o São Paulo sendo o centro de nossos atos, atitudes, pensamentos e, principalmente, aspirações.

Ademar de Barros é membro vitalício do Conselho Deliberativo, integrante nato do Conselho Consultivo e atual presidente do Conselho Deliberativo

Crônica

Sonhos

A festa terminou. Os artistas foram para suas casas. Cerraram-se as cortinas. E as últimas peças do cenário estão sendo removidas. Nosso grande sonho do hexacampeonato escapou por entre os dedos como uma nuvem de fumaça. Fumaça que ainda arde em nossos olhos. Dizem que a história é escrita pelos vencedores. Dos derrotados, apenas os gemidos. Ao longe ainda ouvimos, como sempre acontece, o lamento dos perdedores: "Se o Leônidas não tivesse sido expulso na semifinal, a história teria sido outra". Na Copa de 1938. "Se não fosse aquele lance infeliz do Barbosa, teríamos ganhado a Copa". No desastre do Maracanã em 1950. "A culpa foi do técnico, que não mandou marcar Puskas". Na Suíça em 1954. O técnico era Zezé Moreira.

"Nossa comissão técnica não acreditou no 'Carrossel Holandês'", e fomos desclassificados em 1974. O crucificado naquela vez foi Zagalo, que, endeusado em 1970 com a conquista do Tri, saiu acusado de retranqueiro e pretensioso. Em 1982, quando tivemos, quem sabe, nossa melhor seleção, o culpado de tudo foi Cerezo, com aquela pixotada inexplicável. Era isso que diziam a imprensa e a galera. Ele está pagando essa conta até hoje, tal como aconteceu com o saudoso Barbosa. O técnico era Telê Santana.

"Os deuses não ajudaram". E tudo deu errado. Com Zico, Sócrates e Falcão, parecia que o Brasil seria campeão antecipado. Mas quem pagou o pato foi o técnico Telê Santana, na Copa de 1986, no México.

Em 1990: "O Lazzaroni não entende nada de futebol". Era o que de mais suave se ouvia dele, que suportou todos os insultos porque não tinha retaguarda sólida. Apenas possuía apoio de quem o pôs no cargo. Mas teve sorte. Naquele tempo, não se chamavam os técnicos de "burros" com a ênfase que se utiliza hoje.

"Se o Baggio não tivesse chutado fora, estaríamos hoje à frente do Brasil". Lamento italiano, em 1994, repetido em 2006. "A convulsão do Ronaldo Fenômeno abalou a estrutura do plantel e da comissão técnica". Torcida e imprensa brasileiras, em 1998.

"Aquela falha do Khan, o melhor goleiro da Copa, acabou com nossas pretensões". Choro dos alemães, em 2002.

Há sempre um bode expiatório para carregar a cruz e recolher as sobras do naufrágio que ainda flutuam, isentando de responsabilidades os que têm melhor currículo ou retaguarda mais sólida.

Desta vez, a choradeira não foi só nossa, culpando o "quadrado mágico", além de Roberto Carlos e Parreira, que fez o papel de Joana D'Arc no centro da fogueira. Esquecem-se os críticos que o "quadrado mágico" se fortaleceu e fez do Brasil o grande favorito depois de magníficas exibições realizadas nas finais da Copa das Confederações, nas quais bateu a Alemanha em casa e humilhou a Argentina, sagrando-se campeão com todas as honras. O que aconteceu depois eu também não sei. Acho que ninguém sabe.

> **"Há sempre um bode expiatório para carregar a cruz e recolher as sobras do naufrágio que ainda flutuam, isentando de responsabilidades os que têm melhor currículo ou retaguarda mais sólida"**

Os franceses choramingaram a infantilidade de Zidane, seu melhor cobrador de pênaltis e melhor jogador da Copa. "Com ele em campo, tudo poderia ter sido diferente." Finalíssima de 2006 com a Itália.

Essas alternativas é que dão graça ao esporte. Se apenas um ganhasse, o futebol morreria por falta de competidores. Vamos tentar esquecer o que passou e revigorar nossas energias para 2010, na África do Sul.

A festa maior acabou. Mas temos ainda um balaio de sonhos, com o recomeço do Campeonato Brasileiro. Cada um com sua aspiração, conforme as fichas que tem em mãos. Todos os grandes clubes, no entanto, estão com suas vistas voltadas para o campeonato nacional, o mais difícil de quantos se realizam no mundo. Seus participantes têm sonhos bem definidos na competição. Alguns poucos com sérias pretensões de conquista do título. Outros, conscientes, neste momento, de suas limitações, aspiram pelo menos participarem da Libertadores ou da Copa Sul-Americana de 2007.

Em contrapartida, boa parte dos concorrentes se reveza na zona do rebaixamento, ou dela se aproxima perigosamente. O Campeonato Brasileiro parece composto de céu, inferno e purgatório. Todos fogem apavorados do fogo do inferno, mas alimentam com muita esperança a conquista do título de CAMPEÃO DO BRASIL.

Guaracy Sampaio

SEJA VOCÊ TAMBÉM UM SÓCIO-TORCEDOR

Rogério comemora seu gol no jogo SPFC 3 x 0 Mogi-Mirim - Arte: Igor Amorim - Foto: Rubens Chiri

www.sociotorcedor.com.br

0800-120812

Atend. Seg. à Sex. - 9h00 ás 18h00

SPFC SÓCIO TORCEDOR

LIGOU 5696-2828 CHEGOU

Você liga ou acessa o site **www.deliveryhabibs.com.br**,
faz seu pedido e recebe em no máximo 28 minutos.
Pode marcar no relógio. Se demorar mais que isso
você não paga nada. Pode ligar. A gente tá esperando.

DELIVERY HABIB'S

Consulte taxa e área de entrega. Confira o regulamento completo do Delivery 28 no site www.deliveryhabibs.com.br

HABIB'S®

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025

ONDE A MOEDA CAI DE PÉ